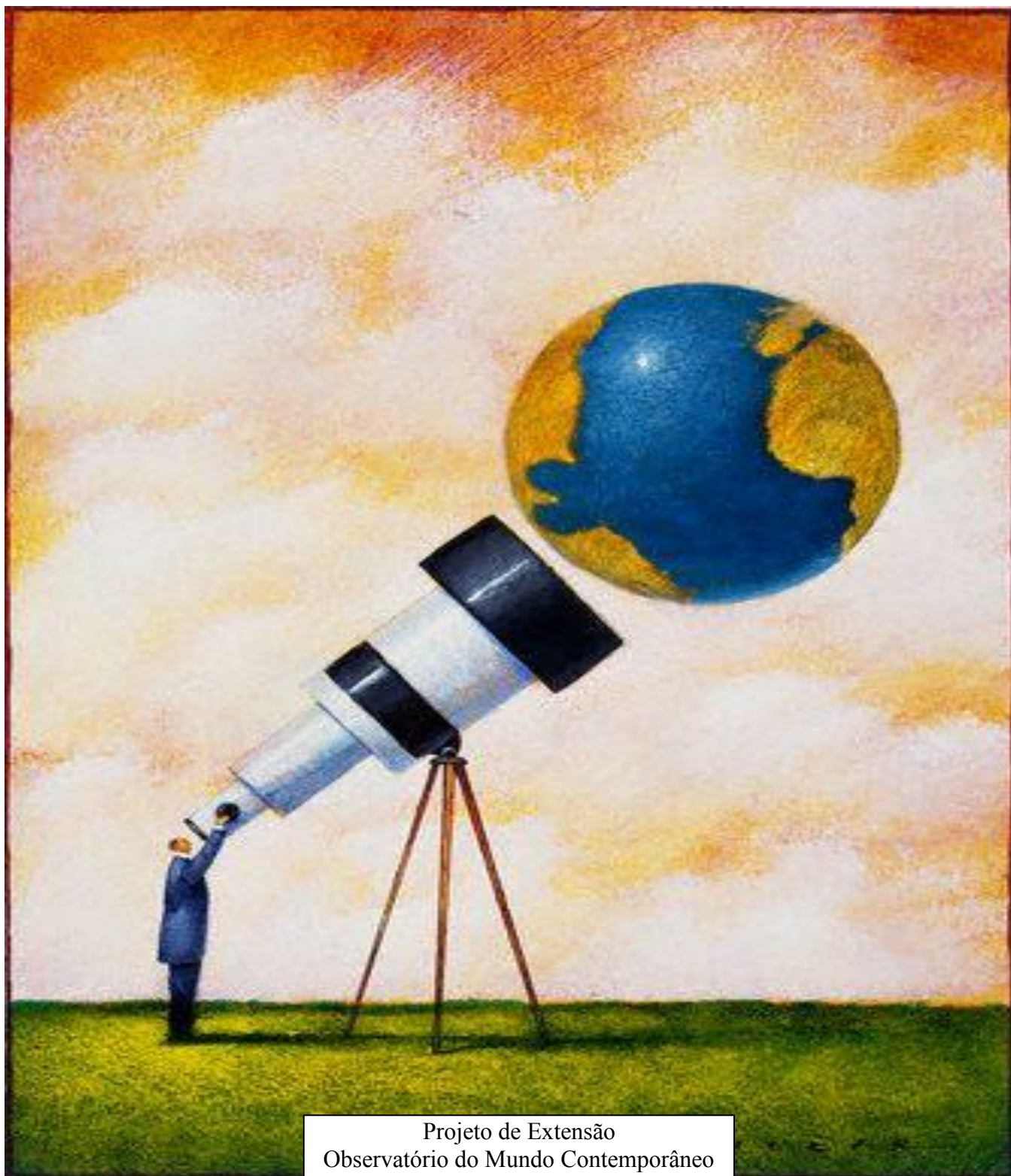


Cadernos do Observatório. v.5



Projeto de Extensão
Observatório do Mundo Contemporâneo
Laboratório de Ensino de História
UNIOESTE

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR, Brasil)

Cadernos do Observatório/UNIOESTE. Universidade do Oeste do Paraná. Campus de Marechal Cândido Rondon. Laboratório de Ensino de História. n, (2011). Marechal Cândido Rondon: 2011 – v5.

Anual
ISSN

1. História Imediata – Textos Didáticos. 2. Mídia – Textos Didáticos. 3. Educação – Textos Didáticos. I. UNIOESTE. Campus de Marechal Cândido Rondon. Laboratório de Ensino de História.

905

CDD 21. ed

CIP-NBR 12899

Ficha Catalográfica elaborada por Helena Soterio Bejio CRB-9/965

Organização

Equipe do Observatório do Mundo Contemporâneo

Estagiários

Luana Milani Pradela

Paulo Roberto da Costa Sartori

Coordenação

Aparecida Darc de Souza

SUMÁRIO

SOBRE O PROJETO	5
 DESASTRES AMBIENTAIS NO BRASIL: PROBLEMA NATURAL, SOCIAL OU SOCIOAMBIENTAL?	7
Enchentes no Paraná e a questão sócio-ambiental.....	7
A Mídia: o destaque diferenciado.....	9
Desastres naturais... São apenas naturais?.....	11
Capitalismo e Desastres Naturais: a "reconstrução" da desigualdade.....	14
Mídia e o capitalismo do desastre.....	16
Referências Bibliográficas	19
 MASSACRES EM ESCOLAS: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A ABORDAGEM MIDIÁTICA	20
A violência como espetáculo midiático	20
A Mídia: o maniqueísmo em relação aos jogos eletrônicos	22
A especulação por trás do videogames.....	23
Massacres escolares e Bullying: uma relação perigosa	25
O reflexo dos valores capitalistas no ambiente escolar	27
Referências Bibliográficas	29
 A TAÇA DO MUNDO É NOSSA. E A COPA DE 2014? DE QUEM É?.....	30
Celso, o Maracanã e a Copa de 2014.....	30
A Copa do Mundo é Nossa?.....	32
Movimento Social e Redes Sociais: a questão da CBF.....	35
Copa do Mundo: Prato Cheio para a Indústria.....	37
Futebol e os Trabalhadores: O outro lado da construção da Copa do Mundo de 2014.....	39
Referências Bibliográficas.....	41

MOVIMENTO ESTUDANTIL, QUEM DISSE QUE SUMIU?.....	42
Movimento Estudantil e Universidade Pública.....	42
Reforma Universitária e o descaso com o Ensino superior no Brasil.....	46
História e Movimento Estudantil.....	48
"Quem paga a banda, escolhe a música.....	50
O espetáculo das ocupações: Estudantes ou Vilões?.....	53
Referências Bibliográficas.....	56
 PRIMAVERA SEM FLORES.....	 57
A Revolução na Líbia e o Discurso Capitalista.....	57
Mídia e interesses imperialistas nos Países Árabes.....	59
“O poderoso chefe”.....	61
Entre os dentes segura a Primavera.....	63
Referências Bibliográficas.....	64

SOBRE O PROJETO

Observatório do Mundo Contemporâneo: produzindo pensamento crítico

*Carla Luciana Silva.
Aparecida Darc de Souza.*

O projeto de Extensão Observatório do Mundo Contemporâneo vem sendo realizado desde o ano de 2001. O projeto objetiva promover a leitura crítica da realidade contemporânea mundial. Para tanto, são produzidos murais e textos de reflexão, em linguagem acessível a qualquer interessado.

Os textos produzidos pela equipe estão sendo disponibilizados na Internet, na página da Unioeste (www.unioeste.br/projetos/observatorio) e pelo site do projeto (www.projeto ham.com.br). Os murais são colocados no Campus de Marechal Rondon em local de amplo acesso à comunidade que frequenta o Campus diariamente. Oficinas são oferecidas em eventos onde é apresentado o projeto, permitindo uma reflexão mais aprofundada sobre os referenciais teóricos que são utilizados.

Além disso, a divulgação do projeto nas escolas tem tido amplo apoio, com a participação efetiva dos alunos do ensino médio das escolas da região nas atividades desenvolvidas. Mas nosso objetivo vai além, e é por isso que os murais foram transformados em slides que podem ser utilizados com data show para fazer oficinas em qualquer lugar que disponha de um computador. Queremos com esse material de apoio, esse caderno de textos, promover subsídios para que professores da rede pública, e demais educadores populares possam fazer eles também essas discussões e trabalhar com esse material.

Nosso maior interesse é incitar o debate sobre os temas contemporâneos. O princípio que nos norteia é que faltam materiais críticos para analisar a história recente. E que essa história faz parte de nossas vidas de forma inexorável: nós somos os sujeitos da história. E para transformá-la temos que ter recursos para conhecê-la. A mídia ocupa esse espaço de maneira privilegiada, trazendo um projeto hegemônico que busca nos convencer de que o que ela propõe é expressão pura da verdade absoluta. Por isso focamos sobretudo na mídia, em matérias jornalísticas, porque são elas que produzem uma compreensão da história recente, forjando visões de mundo sobre o tempo atual.

Não podemos enquanto historiadores pensar que só deveremos pensar sobre a história depois que ela “tiver passado”, sob pena de termos perdido recursos básicos pra sua compreensão. Mesmo que nossas análises sejam inconclusas, é necessário que nos

acerquemos dos recursos possíveis para compreendê-la. O aspecto midiático da questão nos faz também pensar sobre a necessidade de produzir materiais que sejam atraentes, que prendam atenção. E por isso temos investido nos murais em forma de slides que permitem visualizar essas discussões de forma que sejam compreensíveis ao maior número de pessoas possível.

Os materiais podem ser utilizados por qualquer interessado. No entanto, eles não são autoexplicativos. Para trabalhar com essas temáticas é necessário preparação, estudo, e questionamento. Nossa história não pode ser portadora da verdade absoluta como é a que a mídia faz. Ela tem que ser indagadora, analítica, demonstrativa e também interpretativa. Alguns elementos distinguem nosso texto do que é produzido pelo jornalismo: o respeito às fontes e sua citação fidedigna; a elaboração de questões problematizadas; a utilização de hipóteses colocadas como respostas provisórias e não como verdade absoluta; a definição clara do lugar a partir do qual falamos.

O grande problema dos meios de comunicação não é quando eles mostram que tem um lado, mas quando eles assumem posição sem deixar isso claro, porque isso confunde o leitor / espectador, que passa a receber isso como sendo “notícia: verdade”. Nosso trabalho não pode ter esse mesmo sentido. O princípio da utilização de fontes históricas nos obriga a buscar outros recursos para compreensão do real: dados estatísticos, estudos comparados, fotografias, depoimentos, mapas, e muitos outros materiais são utilizados além dos recursos disponíveis na internet. Isso é fundamental para construir textos analíticos e críticos.

Para construir esse material utilizamos várias fontes de imprensa contra hegemônica. É importante ressaltar que as mesmas críticas que fazemos aos grandes meios de comunicação têm que fazer aos pequenos: quem fala? Para quem fala? Por que fala? Isso nos permite perceber que nunca esses meios são neutros, eles têm uma organicidade, tomam partido o tempo todo. E isso precisa ser dito, não ocultado. É isso que nos permite não cair na ilusão da neutralidade. Nós temos posição, mas não podemos ocultar isso.

Desejamos a todos um bom trabalho. A forma com que cada um vai utilizar o material é livre. Propomos a utilização paralela do caderno de textos e dos slides. Sempre que possível, promover a consulta a jornais, revistas, internet, como forma de incitar também a pesquisa por parte dos participantes. Mas para isso seria necessário um tempo mais extenso, e vai depender da disponibilidade de cada escola. Pedimos apenas que, na medida do possível, nos informem sobre a utilização do material, apontando críticas e sugestões para que possamos melhorá-lo, pois o projeto segue sendo realizado.

DESASTRES AMBIENTAIS NO BRASIL: PROBLEMA NATURAL, SOCIAL OU SOCIOAMBIENTAL?¹

Enchentes no Paraná e a questão socioambiental

*Lúcio Fellini Tazinaffo²
Paulo Roberto da Costa Sartori³*

Acompanhamos no início do mês de março deste ano de 2011 as notícias sobre fortes chuvas que atingiram o litoral paranaense, provocando uma série de problemas para os seus moradores: enchentes, alagamentos, deslizamento de terra, perda de vidas humanas, destruição de bens materiais. Tais problemas suscitaram uma série de questões quanto às causas dessas enchentes, de como o governo tem procurado sanar esses problemas e se as causas realmente são puramente naturais, como a mídia procura demonstrar.

De acordo com dados da Defesa Civil divulgados pela mídia, oito municípios foram atingidos pelas fortes chuvas de março, num total de trinta e duas mil pessoas afetadas e quatro mortes. Duzentas e onze casas foram completamente destruídas e quatro mil residências foram danificadas pelas enchentes. As áreas mais afetadas foram às comunidades rurais, como a comunidade de Morro Alto, em Morretes, que ficou coberta de lama e destroços das casas que antes existiam e permaneceu isolada devido à destruição de pontes e estradas, ficando a mercê de helicópteros e caminhões que levassem donativos àquelas pessoas.

No ano de 2004 o governo do Paraná investiu cerca de 1 milhão de reais em obras de limpeza e desassoreamento dos rios para melhorar o escoamento das águas nas cidades de Matinhos, Guaratuba, Pontal do Paraná, Antonina e Morretes, com o objetivo de evitar enchentes e alagamentos no litoral paranaense⁴. Nota-se que duas dessas cidades beneficiadas com essas obras, Morretes e Antonina, foram as mais prejudicadas pelas chuvas de março, mostrando que os problemas ocorridos não têm como principal causa o baixo escoamento das águas nesses locais.

¹Mural produzido em Março/Abril 2011. Coordenação: Edson dos Santos Dias e Maria José Castelano. Estagiários: Alex Sander Sanoto, Elionay Rodrigues Marques, Guilherme Dotti Grando, Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho, Luana Milani Pradela, Lucas Blank Fano, Lúcio Fellini Tazinaffo, Marcos da Silva de Oliveira, Paulo Roberto da Costa Sartori e Vânia Grazielle Inocêncio.

²Acadêmico do 2º ano de História da UNIOESTE.

³Acadêmico do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁴<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=3472&tit=Municipios-do-Litoral-aprovam-trabalho-do-governo-para-evitar-enchentes>, acessado em 06/04/2011.

Quando os aparelhos midiáticos mostram as enchentes, apontam como causa única às mudanças climáticas, apresentando fortes chuvas no Paraná como fator raro e isolado, ocultando o fato de que enchentes semelhantes ocorreram em outros anos no Paraná e em outros estados do Brasil, e que até hoje não há soluções efetivas e preventivas eficientes por parte do governo. Além disso, a mídia dá destaque para o fato de que essas localidades atingidas são fortes pontos turísticos, colocando como fator mais prejudicado o turismo local e ignorando que os mais afetados são as pessoas, e não apenas a economia local, demonstrando assim uma grande falta de sensibilidade da mídia em relação às pessoas afetadas diretamente pelas enchentes.

Mas, se a causa desses problemas não se limita exclusivamente aos fatores naturais quais outras questões deveriam ser consideradas? Partir da ideia de que essas catástrofes decorrem das mudanças climáticas como fator externo à sociedade significa ignorar que o meio-ambiente e a sociedade relacionam-se entre si, ocultando a raiz dos problemas sociais e ambientais: o modo de produção dominante. Tanto o governo quanto a mídia vêm ocultando o fato de que o maior responsável pelos problemas socioambientais é o modo de produção capitalista, que de um lado gera desigualdades sociais, pobreza e desemprego e de outro provoca a poluição do ar e da água, a erosão do solo e a transformação catastrófica das condições climáticas do planeta. Como apontam Max Horkheimer e Theodor Adorno no livro *Dialética do Esclarecimento* “o domínio sobre a natureza irracional, destrutivo e irrefletido, e um idêntico domínio do homem sobre o homem se condicionam reciprocamente”⁵.

⁵ KURZ, Robert. O desenvolvimento sustentável da natureza. In: **Folha de São Paulo**, 06/10/2002.

A Mídia: o destaque diferenciado

Alex Sander Sanoto⁶
Marcos da Silva de Oliveira⁷
Vânia Inocêncio⁸

Angra dos Reis está na lista de uma das regiões mais famosas do Estado do Rio de Janeiro, conhecida pela suas belas paisagens, praias e pousadas. Mas no primeiro dia do ano de 2010, acordou em um estado diferente, era um temporal que caía sobre a região. Grandes deslizamentos de terras ocorreram, causando mortes e destruição.

Não se assuste se esta breve explicação tem alguma aparência com as reportagens jornalísticas, mas o fato é que muitas das “notícias” que a mídia “oferece” às pessoas têm este formato, de desinformar ao invés de informar. Estes meios de comunicação produzem determinada compreensão da história recente, forjando interpretações e visões de mundo, pois eles não têm a preocupação de problematizar, contextualizar e refletir sobre os fatos.

Esses grandes deslizamentos de terras e chuvas se enquadram no que se costumou chamar de “desastres naturais” e são um prato cheio para a Grande Mídia, pois, afinal, se tratava de 30 pessoas que já haviam sido mortas e outras tantas que se encontravam desaparecidas. O que não foi esclarecido nesta introdução é que não se tratava de quaisquer pessoas. Entre meio a estas mortes estão sujeitos e famílias que pertenciam à classe média e alta da sociedade. Não que a vida destas pessoas não seja significativa, mas o que mais espanta é o enfoque dado pelos meios de comunicação a estes acontecimentos ocorridos no início daquele ano. Ao ligar o rádio, a televisão, ao ler o jornal ou acessar a internet, lá estava “Vítimas de deslizamentos em Angra dos Reis já chegam a 30”⁹. Neste sentido nos perguntamos o porquê de tanto destaque? Quais os reais interesses que envolvem tanta preocupação? Essas perguntas não podem ser refletidas e de alguma maneira respondidas sem citar o próximo exemplo.

Recentemente, em março deste ano de 2011, o Estado do Paraná também sofreu com os famosos “desastres naturais”. Cidades litorâneas como Antonina, Morretes, Guaratuba e Paranaguá foram as mais prejudicadas pelas fortes chuvas. E segundo o site Terra “no total, há 31 mil pessoas afetadas” e “as chuvas também causaram a interdição de rodovias estaduais e de duas rodovias federais, as BRs 277 e 376”. A mídia estava presente fazendo a cobertura

⁶ Acadêmico do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁷ Acadêmica do 3º ano de História da UNIOESTE.

⁸ Acadêmica do 3º ano de História da UNIOESTE.

⁹ Este foi o título de uma das reportagens que se encontra no site da Globo (G1) segue ao lado o link da página: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1432330-5606.00.html>, acessado em Março de 2011.

dos fatos ocorridos, no entanto, o destaque se mostrou diferenciado ao dado aos deslizamentos ocorridos no Rio de Janeiro.

Muitas pessoas ficaram a par do acontecido no Paraná pelos jornais locais/regionais e/ou por familiares que foram atingidos, O que isto significa? Que o destaque é diferenciado e isso se faz presente no dia-a-dia da comunicação brasileira, seja até mesmo em notícias sobre esporte, política, e eleições. No entanto, não buscamos aqui apenas refletir sobre o destaque diferenciado dado a um Estado ou outro, - e esta certamente não é nossa atenção central – mas sim o significado atribuído a determinados grupos ou frações da sociedade.

Fazendo uma pesquisa simples na internet, podemos de cara perceber a atribuição de significado e importância que a Grande Mídia atribui a determinados grupos. Ao procurar por dados sobre os “deslizamentos em região litorânea do Paraná”, e “deslizamentos em Angra dos Reis”, podemos perceber essa enorme diferença. Enquanto a primeira tem aproximadamente 3400 resultados, a segunda tem 20 vezes mais, ou seja, aproximadamente 78000 resultados. Neste sentido nos questionamos, isso é apenas pelo fato do Paraná ter confirmado apenas duas mortes, enquanto o Rio de Janeiro confirmava trinta, ou terá outras questões por traz que a mídia não tem a preocupação de mostrar?

O fato é que nestes “desastres naturais” estamos lidando e falando de pessoas que a todo o momento estão sendo sufocadas, pressionadas e prejudicadas e muitas vezes responsabilizadas pelos meios de comunicação de maneira igual a outros sujeitos economicamente de níveis superior a elas. Se deixarmos a torneira ligada por cinco minutos, ou cortarmos uma árvore em risco de cair e que poderia destruir a nossa casa, somos fortemente criticados, pois somos acusados de prejudicar o meio ambiente e contribuir para os deslizamentos. Entretanto se o empresário precisa cortar 100 hectares de florestas para construir sua empresa e utiliza milhões de litros de água por dia para a produção na mesma, está trazendo o “progresso e o desenvolvimento”, tanto buscado pelo capitalismo.

Muitas vezes, ou melhor dizendo, quase sempre o que a mídia oferece como “importante e significativo”, para nós é representativo para um pequeno grupo da sociedade e isso certamente não corresponde com a realidade sentida e vivida pela grande massa da população.

Desastres naturais... São apenas naturais?

Joselene Ieda de Carvalho¹⁰
Lucas Blank Fano¹¹

As fortes chuvas ocorridas no início de 2011 provocaram destruição e fizeram grande quantidade de vítimas na região serrana do Estado do Rio de Janeiro. O fenômeno natural representado pelo elevado índice pluviométrico num curto intervalo de tempo (choveu em algumas horas mais do que o esperado para todo o mês) tem sido elencado nas explicações feitas por autoridades locais, pela mídia e mesmo pelo senso comum, para justificar as tragédias humanas. No entanto cabe questionar: as estruturas - ou será falta de infraestrutura? - urbanas não seriam também fatores fundamentais no agravamento dos problemas sociais e ambientais gerados em grande parte do país todos os anos na época das chuvas?

O alto grau de consumo da sociedade contemporânea faz com que os produtos se tornem ultrapassados ou descartáveis muito rapidamente. A economia de mercado, portanto, produz demasiadamente, danificando o ambiente pela exploração irracional das nossas riquezas naturais, assim como pelo descarte prematuro de produtos ainda com utilidade, gerando grande produção de lixo. O mesmo processo de urbanização que não respeita as condições naturais adequadas para as construções, assim como a impermeabilização da superfície, provoca o assoreamento dos rios já poluídos em decorrência da falta de tratamento adequado dos dejetos industriais e residenciais despejados diretamente em suas águas.

A tecnologia disponível hoje permite saber com relativa precisão (mesmo que não de forma absoluta) quais lugares serão mais afetados por tempestades, deslizamentos, enchentes assim como as áreas mais sujeitas a terremotos e tsunamis. Por que no Brasil e em outras regiões pobres do planeta as ações de prevenção não têm ocorrido de forma eficiente? Quais são as áreas de risco nas diferentes regiões do Brasil? As pessoas estão sendo avisadas com antecedência? Ou, melhor, essas pessoas estão tendo auxílio suficiente por parte do Estado antes e depois dos desastres? Como já mencionado, a economia de mercado, atendendo ao consumismo desenfreado, baseada no lucro, influencia também na estrutura das cidades, no planejamento das mesmas. Processos naturais e sociais são diferentes, mas encontram-se de diversas formas associados. O quê explica a continuidade dos desastres “naturais” em um mesmo local no Brasil? No presente artigo pretendemos fazer com que o leitor possa refletir sobre essas questões, tomando como base a seguinte afirmação: os desastres “naturais” não

¹⁰ Acadêmica do 2º ano de História da UNIOESTE.

¹¹ Acadêmico do 2º ano de História da UNIOESTE.

são tão naturais assim.

Muitos são os estragos provocados pelas chuvas e deslizamentos. O Brasil conta com registros deste tipo de problema desde 1541, quando São Vicente (a primeira povoação oficialmente criada na América Portuguesa) teve seu núcleo urbano destruído por tempestades e ressacas. O mar tragou a Casa do Conselho, a fortaleza e a igreja matriz, que eram edificadas sobre o solo arenoso. Nesse sentido, percebemos que os desastres causados pelo tempo “ruim” são velhos conhecidos dos brasileiros, e estiveram sempre presentes na nossa história.

Atualmente, sabemos que a nossa realidade não é diferente. Segundo o diretor de pesquisas da Escola Politécnica de Paris, na França, o Brasil é uma “civilização de risco”, e infelizmente sabemos que diante de acontecimentos nos quais nosso país passa todos os anos, seria inoportuno negar esta afirmação: “Para os que não reconhecem o Brasil como um país assolado por desastres naturais, eis alguns dados: entre 1999 e 2008 ocorreram pelo menos 49 grandes episódios de secas, inundações, deslizamentos de terra, totalizando pelo menos 5,2 milhões de pessoas atingidas, 1.168 óbitos (...) (EM-DAT, 2009)”.

Em 16/01/2011, foi publicada uma reportagem no jornal “O Estado de São Paulo”, baseada em relatório oficial, no qual o governo brasileiro admitiu à ONU a precariedade dos órgãos nacionais para lidar com as catástrofes. Um outro documento é apresentado neste mesmo jornal, onde a secretária Nacional da Defesa Civil, Ivone Maria Valente, relatava para a ONU um “Raio X” da implementação de um plano nacional da redução do impacto de desastres naturais. Diante disso, percebemos que o segundo maior desastre ocorrido na história do Brasil, neste ano de 2011, ocasionando setecentas e duas mortes, não poderia ter sido evitado quanto às suas causas naturais, mas certamente poderia ter apresentado um número menor de pessoas atingidas, se tivessem sido realizadas ações preventivas necessárias nas áreas de risco em nosso país. É importante destacar que o governo brasileiro se comprometeu com as Nações Unidas em elaborar um plano de defesa prévia das populações na iminência de uma catástrofe ambiental no ano de 2005. Logo após a tragédia no mês de janeiro desse ano, quando chegava a seiscentos e sessenta e cinco o número de mortos na região serrana do Rio de Janeiro, o governo federal anunciou que teria início a criação de um Sistema Nacional de Alerta e Prevenção de Desastres Naturais no País. Caro leitor, diante disso, não podemos deixar que se cale a seguinte pergunta: foram seis anos em vão desde o compromisso assumido com a ONU?

Dos 5.565 municípios, somente 426 possuem o órgão da Defesa Civil. O que será que estão esperando que aconteça para a implantação da Defesa Civil nos demais municípios?

Cerca de cinco milhões de brasileiros moram em locais de risco. O que mais será preciso acontecer para que essas pessoas possam morar em locais seguros? Não podemos nos esquecer de mencionar a tragédia em Caraguatatuba (norte de São Paulo), no ano de 1967, quando 785 pessoas morreram e a cidade foi praticamente destruída.

Não queremos estabelecer verdades absolutas e nem respostas prontas. Deixamos em aberto para o leitor, que após ter lido esse artigo, possa refletir sobre o que tem acontecido em nosso país. Precisamos exigir de nossos representantes que tomem providências, e que passem a entender que a solução não é remediar os danos que os desastres naturais provocam, mas tomar certas medidas de prevenção. Assim, muitos destes desastres naturais/sociais poderiam ser evitados e muitas vidas e sofrimentos poupados.

Capitalismo e Desastres Naturais: a “reconstrução” da desigualdade

Luana Milani Pradela¹²
Guilherme Dotti Grandó¹³

As catástrofes relacionadas a fenômenos da natureza têm frequentemente aparecido nas capas e manchetes de revistas e jornais, de circulação local e nacional. Podemos citar, por exemplo, o furacão Katrina que atingiu a cidade estadunidense de Nova Orleans em 2005, que matou cerca de 1500 pessoas e deixou outras milhares desabrigadas; os terremotos no Haiti no início de 2010, que assolaram completamente o país; as enchentes e deslizamentos gerados pelas fortes chuvas em Santa Catarina e no Rio de Janeiro, além de outros com igual ou maior nível de destruição.

As populações mais pobres, que moram em morros, subúrbios e periferias das cidades são atingidas diretamente por essas catástrofes. A falta de infraestrutura nestes locais mostra um lado contraditório do “desenvolvimento econômico” capitalista. O processo histórico de crescimento dos grandes centros urbanos, impulsionados pela industrialização, trouxe consigo famílias inteiras que, expulsas do campo, construíam suas casas em regiões mais afastadas do centro da cidade. Os grandes Shoppings e os outdoors de marcas renomadas nas grandes avenidas dos centros urbanos contrastam com as vielas dos morros, os casebres de pau-a-pique, as ruas mal asfaltadas, a falta de iluminação pública, de água e saneamento básico nos bairros operários pobres. Cidades enormes que carregam contradições e desigualdades sociais de proporções igualmente grandes. A destruição causada por chuvas, terremotos, furacões e tsunamis acabam por deixar visíveis as desigualdades sociais.

O que acontece, no entanto, é que após essas regiões pobres serem destruídas e milhares de indivíduos ficarem sem suas casas, há um intenso aproveitamento econômico por parte de empresas que se “oferecem” para reconstruírem o local e as moradias, como ocorreu em Porto Príncipe, capital haitiana e a cidade que mais sofreu com os terremotos de 2010, oportunidade perfeita para as empreiteiras americanas que imediatamente se disponibilizaram ao trabalho. Quando não, as áreas acidentadas são utilizadas para a construção de novos pontos de interesses capitalistas. Ou seja, além de ficarem sem casa, os desventurados ainda ficam sem terreno.

A capital haitiana não é um caso isolado. O atual desastre que arrasou o litoral japonês arrancou subitamente os pobres pescadores e pequenos proprietários que ali viviam

¹² Acadêmica do 1º ano de História da UNIOESTE.

¹³ Acadêmico do 3º ano de História da UNIOESTE.

com suas famílias, deixando-os sem casas e com seu território destruído. Tais acontecimentos despertaram o interesse para a construção de resorts, parques temáticos, entre outros centros turísticos no local. O furacão Katrina, outro exemplo, também afastou milhares de pessoas de seus terrenos após o ocorrido, tornando-os áreas de replanejamento para a construção de bairros de classe média de acordo com os interesses do capital imobiliário. Da destruição causada por tsunamis e furacões “surge” uma grande “oportunidade” para o desenvolvimento das grandes companhias hoteleiras, construtoras imobiliárias e outros ramos especuladores.

Ainda nesse campo, outras empresas que lucram com as catástrofes naturais, são as seguradoras, ou melhor dizendo “resseguradoras”, que após acontecerem os desastres, propõem os mais variados tipos de negócios caso venham a ocorrer novamente. A Munich Re, a maior multinacional de resseguro, seis meses após a tragédia no Haiti cresceu cerca de 25%. É um momento traumático muito bem aproveitado por políticos e empresários e estimulantes oportunidades de mercado, como declarou a jornalista canadense Naomi Klein no Blog do Ambientalista¹⁴. As catástrofes naturais, assim como as guerras, tornaram-se meios que possibilitam as empresas de grande capital expandir-se na busca de “novas” áreas de exploração.

No caso do Brasil, podemos afirmar que os desastres naturais, que afligem frontalmente a população pobre, arrasam as cidades que sofreram e continuam a sofrer com o processo de ocupação irregular – uma ocupação que é diretamente relacionada com o desenvolvimento das relações capitalistas. As populações pobres ficam a margem de noções como “desenvolvimento” e “reconstrução”, uma vez que o desenvolvimento proposto ou a reconstrução planejada das cidades atingidas pelos desastres naturais não são pensados para e com os trabalhadores que moram nos bairros operários. Pelo contrário, o “desenvolvimento” é sempre aquele que privilegia as grandes empresas em evidência nos outdoors das grandes avenidas.

¹⁴ <http://blogdoambientalismo.com/a-doutrina-do-choque-%E2%80%93-introducao-%E2%80%93-parte-1/>, acessado em 26/04/11.

Mídia e o capitalismo do desastre

Prof^o Dr. Edson dos Santos Dias¹⁵

Prof^a Ms. Maria José Castelano¹⁶

A imprensa no Brasil tem um campo pródigo e sempre farto quanto a determinadas notícias que são temas recorrentes e, ano após ano, entram nas pautas dos jornalistas. É o caso da violência urbana, dos escândalos políticos, da agressão ao ambiente e das tragédias decorrentes de fenômenos naturais que causam a perda de bens materiais e vidas, como as enchentes e deslizamentos de terras, esses últimos tão comuns no período de chuvas que já entraram para o calendário das tragédias esperadas.

O que causa indignação é a naturalidade (no sentido de resignação) com que as pessoas encaram essas tragédias anuais que cobram um alto preço em termos financeiros e, principalmente, de vidas perdidas e de vidas despedaçadas daqueles que sobrevivem. Associada a essa naturalidade (foi a “vontade de Deus” ou foi um infortúnio), temos a naturalização dessas tragédias como fenômenos exclusivamente naturais, não explicitando as contradições sociais que possuem alguma influência, mesmo que de forma indireta, nas causas do fenômeno de resultados trágicos, assim como relação sobre as condições de vida das pessoas atingidas, no momento em que ocorre o problema, e mesmo na reconstrução de suas vidas após o acontecido.

Essa dupla indução ao erro de análise - a naturalidade e a naturalização - torna-se fonte de justificativas para o ocorrido tanto para pessoas diretamente atingidas pela tragédia, quanto para os representantes do Estado responsáveis por evitar ou, ao menos, diminuir os riscos provenientes de tais catástrofes. Os primeiros, protagonistas e vítimas de uma situação inusitada que transforma de maneira rápida e radical o seu cotidiano, tem sua resignação alimentada pelo choque e pela fragilidade de sua condição, o que dificulta mesmo a organização para a construção de uma pauta de reivindicações. No caso dos representantes do Estado, predomina a dispersão de responsabilidades pelas autoridades públicas, associada à tomada de ações de forma desarticulada, demonstrando despreparo para situações de tragédias que atingem grande número de pessoas e área.

Definitivamente, é notório que a prevenção às tragédias como aquela que assolou a região serrana do Rio de Janeiro, nesse ano de 2011, não é prioridade nas ações concretas das diversas esferas de governo, apesar de sempre constar como prioritária enquanto discurso. Isso fica evidenciado pela falta de estrutura dos órgãos de Defesa Civil, pela falta de

¹⁵ Docente do curso de Geografia da UNIOESTE.

¹⁶ Docente do curso de História da UNIOESTE.

mapeamento das áreas de risco por deslizamentos ou enchentes, pela inoperância do sistema de saúde em momentos críticos que resultam na necessidade de atendimentos acima do esperado, sobrecarregando um sistema que já é deficiente em situações de “normalidade” pública, entre outras...

A falta de um programa articulado de prevenção nas diversas escalas espaciais (nacional, regional, municipal) adquire contornos dramáticos quando se constata a timidez de investimentos em ciência e tecnologia para implementar um sistema de alarme eficiente e adaptado às condições locais, o qual, na impossibilidade de evitar os deslizamentos ou enchentes, pode ao menos dar oportunidade para as pessoas salvarem as suas vidas, antes que o pior venha a acontecer.

Embora saia mais caro construir novas casas, às vezes bairros inteiros, para os desabrigados e reconstruir a infraestrutura urbana atingida (como ruas, escolas, comércio, etc.) por fenômenos como deslizamento ou enchentes, a tendência é preferir reagir ao acontecido a prevenir os males. Até porque, quando situações de repercussão catastrófica ocorrem, tornam-se visíveis; quando são prevenidas, nunca se sabe delas. A prevenção destas situações por suas causas não são notícias.

Junto às ações de prevenção ou minimização dos riscos mencionados anteriormente, algo importante são as políticas públicas e sociais de ocupação e organização dos espaços urbano e rural. No caso dos grandes centros urbanos é clássica a análise sobre o processo desastroso da ocupação de áreas inapropriadas para a fixação de residências, em especial pelos mais pobres. Os grupos sociais abastados ou de classe média têm condições de garantir maior segurança quanto ao seu local de moradia - podem morar no “asfalto” -, restando aos marginalizados socialmente a ocupação dos morros, de antigos lixões, das margens de rios, dos mangues.

O Brasil passou por um processo de urbanização de sua população que ocorreu de forma rápida e intensa. Em poucas décadas as cidades brasileiras, especialmente as regiões metropolitanas, adquiriram uma condição de inchaço, com crescimento desordenado e espacialmente irracional. Como o Estado se omitia em oferecer moradias em áreas seguras aos pobres, estes se viam obrigados a resolver a questão de forma individual e, por falta de opção, vão ocupar as áreas mais sujeitas a algum tipo de risco ambiental. Muitos grupos políticos, das mais diversas orientações ideológicas, mesmo sabendo que a construção de residências em determinados locais oferecia perigo aos moradores, no curto ou no longo prazo, estimulavam esse tipo de ocupação, buscando mesmo a regularização ou a oferta de serviços públicos para a “comunidade”, considerando os ganhos político-eleitorais que

renderiam.

Assim, temos um círculo vicioso envolvendo pobreza, esperteza e omissão que perdura por décadas, mas que a cada ano cobra em vidas as suas consequências em termos de ações ambientalmente e socialmente desastrosas.

Para finalizar, gostaríamos de apresentar alguns dados que demonstram como esses desastres ambientais são recorrentes em nosso país ¹⁷:

1 – Março de 1967, em Caraguatatuba (SP), um deslizamento de grandes proporções destruiu centenas de casas e deixou aproximadamente 400 mortos;

2 – Fevereiro de 1988, em Petrópolis (RJ), 134 pessoas morreram soterradas por deslizamentos, desabamentos ou levadas pelas águas;

3 – Dezembro de 2001, dias seguidos de temporais, enchentes e deslizamentos, tudo aliado à ocupação irregular de encostas no Estado do Rio de Janeiro deixaram 60 mortos e cerca de 2 mil desabrigados;

4- Novembro de 2008, o Estado de Santa Catarina foi assolado por chuvas intensas e deslizamentos que deixaram 137 mortos e afetou mais de 1,5 milhões de pessoas;

5 – Abril de 2010, as chuvas que atingiram o Rio de Janeiro provocaram 316 mortes – só em Niterói, foram 168 mortos, quase a metade em consequência do deslizamento de uma área residencial construída sobre um antigo lixão e encosta;

6 – Janeiro de 2011, grande quantidade de chuvas concentrada num curto intervalo de tempo, associado à localização de moradias em locais inapropriados resultou na morte de mais de 600 pessoas na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, especialmente atingindo os municípios de Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo.

É preciso destacar que os casos apresentados constituem-se numa amostra de um problema crônico que se repete, com maior ou menor gravidade, todos os anos, em diferentes pontos do país e que nada indica que não voltarão a ocorrer. Mais importante ainda é levar o leitor a refletir para além dos números frios de mortos e desabrigados, e sensibilizá-lo que por trás de cada caso temos tragédias individuais e familiares. A somatória de todos os números trágicos não revela os dramas pessoais dos sobreviventes que têm suas vidas alteradas para sempre, mesmo que a mídia já tenha abandonado o foco de atenção dessa tragédia em busca de outra mais recente.

¹⁷ O Estado de S. Paulo. Catástrofe no Rio. Caderno Cidades, 13/01/2011.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

LEMOS Amalia T. G.; ROSS, Jurandyr L. S.; LUCHIARI, Silten (Orgs.). **América latina: sociedade e meio ambiente**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

KURZ, Robert. O desenvolvimento sustentável da natureza. In: **Folha de São Paulo**, 06/10/2002.

Sítios Consultados:

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/08/17/ult1809u8908.jhtm>, acessado em Março de 2011.

<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=3472&tit=Municipios-do-Litoral-aprovam-trabalho-do-governo-para-evitar-enchentes>, acessado em março de 2011.

<http://g1.globo.com/parana/noticia/2011/03/comercio-do-litoral-do-parana-volta-receber-turistas.html>, acessado em Março de 2011.

<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM1463137-7823A+VIDA+COMECA+A+VOLTAR+AO+NORMAL+EM+MORRETES+E+EM+ANTONINA,00.html>, acessado em Março de 2011.

<http://g1.globo.com/parana/noticia/2011/03/veja-fotos-em-360-de-antonina.html>, acessado em Março de 2011.

<http://gmfozdoiguacu.wordpress.com/2011/04/01/defesan-civil-ajuda-ao-litoral-pr/>, acessado em Março de 2011.

<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4987785-EI8139,00-Bombeiros+confirmam+duas+mortes+por+deslizamentos+no+PR.html>, acessado em Março de 2011.

<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1432330-5606,00.html>, acessado em Março de 2011.

http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16597, acessado em Março de 2011.

MASSACRES EM ESCOLAS: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A ABORDAGEM MIDIÁTICA¹⁸

A violência como espetáculo midiático

Guilherme Dotti Grando¹⁹

Alex Sander Sanoto²⁰

A violência enquanto espetáculo midiático é um fenômeno relativamente recente. De maneira ampla podemos apontar a década de 1970 como um momento em que tal fenômeno ganha corpo. Os massacres ocorridos nas escolas e universidades são exemplos desta “espetacularização” midiática. O massacre ocorrido na Universidade Virginia Tech (EUA) em abril de 2007, quando um aluno matou a tiros 16 pessoas dentro do campus da universidade, assim como o massacre ocorrido na Finlândia, em que um estudante de 18 anos tirou a vida de 16 pessoas em uma escola e depois atentou contra a própria vida com um tiro na cabeça, e mais recentemente, em abril de 2011, quando um jovem de 23 anos entrou em uma escola no bairro do Realengo no estado do Rio de Janeiro matando 11 crianças e deixando feridas outras 13 tomaram e têm tomado às manchetes de jornais, revistas e demais meios de comunicação.

O significado de “espetáculo”, segundo o Dicionário escolar da língua portuguesa é “representação teatral; vista; panorama”²¹, ou então, segundo o Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa, “tudo o que chama a atenção, atrai e prende o olhar”²². A forma como a mídia vem tratando os recentes massacres nas escolas em grande medida não destoam destes significados. Um espetáculo da violência onde diversos recursos são empreendidos e muitas vezes induzem à avaliações demasiadamente apressadas ou simplórias.

Se pensarmos estes casos de massacres nas escolas, como os que foram citados acima, podemos ter uma breve dimensão da forma como se dá esse “espetáculo” e os variados recursos para apresentá-lo enquanto tal. Ao ligar a televisão nos dias seguintes ao massacre de Realengo, ocorrido no Rio de Janeiro em abril de 2011, não raramente nos deparamos com as

¹⁸ Mural produzido em Maio/Junho de 2011. Coordenação: Aparecida Darc de Souza. Estagiários: Alex Sander Sanoto, Elionay Rodrigues Marques, Guilherme Dotti Grando, Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho, Luana Milani Pradela, Lucas Blank Fano, Lúcio Fellini Tazinaffo, Marcos da Silva de Oliveira, Paulo Roberto da Costa Sartori e Vânia Grazielle Inocêncio.

¹⁹ Acadêmico do 3º ano de História da UNIOESTE.

²⁰ Acadêmico do 1º ano de História da UNIOESTE.

²¹ BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Francisco da Silveira Bueno; colaboração de Dinorah da Silveira Campos Pecoraro, Giglio Pecoraro, Geraldo Bressane. – 11. Ed./ 10ª tiragem – Rio de Janeiro : FAE, 1986.

²² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coordenação de Mariana Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. – 4ª edição – Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

imagens destes massacres, repetidas sistematicamente desde o noticiário da manhã, passando, por exemplo, pelos programas de culinária e fechando o dia com os jornais da meia-noite. Na internet esta situação não é tão distinta, basta abrir os sites de notícias mais frequentados para observarmos o esforço empreendido pela mídia para apresentar o massacre na forma cinematográfica. As imagens e os testemunhos são editados e montados dentro de um roteiro que apresenta a realidade como um filme.

Apoiada no forte apelo publicitário da violência os grandes veículos de comunicação têm transformado os massacres ocorridos nas escolas em terrível espetáculo midiático. Sob o pretexto de informar, a grande mídia bombardeia o público com imagens, dados e avaliações fragmentadas e muitas vezes descontextualizadas cujas consequências são de um lado a banalização e a naturalização da violência e de outro a caracterização destes eventos como expressão de comportamentos individuais desviantes. Sem se preocupar com as consequências destes excessos, mas com a audiência, a mídia desenvolve quase sempre uma leitura epidérmica e superficial dos eventos.

Nesta linha, jornais, revistas e a própria internet se concentram em divulgar dados biográficos daqueles que cometeram as chacinas, buscando em suas histórias pessoais uma explicação para o evento. Para a tragédia ocorrida em Realengo, a imprensa brasileira encontrou rapidamente suas respostas a partir da trajetória individual do rapaz que cometeu a chacina. As explicações para sua atitude estavam: em seu isolamento social, seu interesse por jogos violentos, no bullying sofrido na escola e na loucura que provavelmente herdara da mãe. Assim, formando o roteiro de um espetáculo, sua vida foi sendo exposta dia-a-dia nos meios de comunicação e consumida pelos espectadores sem que de fato houvesse uma reflexão crítica sobre os aspectos sociais que envolveram o massacre ocorrido na cidade do Rio de Janeiro.

Ao focalizar nestes eventos as trajetórias individuais de maneira isolada, a grande mídia deixa de lado todo o processo social que engendra a violência na sociedade contemporânea impedindo inclusive a discussão das soluções para um problema que não é individual, mas antes coletivo e, portanto social.

A Mídia: o maniqueísmo em relação aos jogos eletrônicos

*Marcos da Silva de Oliveira*²³
*Paulo Roberto da Costa Sartori*²⁴

Frequentemente somos bombardeados pela mídia com notícias sobre a violência na sociedade atual. Um exemplo recente - para não nos distanciarmos muito no tempo - foi o caso do massacre em uma escola de Realengo no Estado do Rio de Janeiro. Neste episódio, ocorrido em 07 de abril deste ano, um jovem de 23 anos alvejou 24 crianças, onde 12 acabaram falecendo. A mídia explorou de todas as formas possíveis o fato e buscou encontrar motivos para o trágico acontecimento.

Em um universo amplo de motivos para tal ato, um deles chamou atenção, foi a culpa que recaiu sobre os jogos eletrônicos, principalmente os considerados violentos. Em reportagem exibida pela Rede Record no dia 24 de abril – duas semanas após o massacre –, esta visão maniqueísta em relação aos jogos ficou explícita. Ao começar pelo título, “Atirador de Realengo jogava games violentos”, e no decorrer da reportagem os apresentadores usaram frases de impacto, como por exemplo, “o perigo dos videogames que abusam da violência (...) como estes jogos podem estimular comportamentos agressivos”, ou ainda, “ele vivia isolado, passava boa parte do dia em frente ao computador, consumia e jogava videogames violentos por horas a fio”.

A reportagem cria uma relação entre os jogos eletrônicos e o caso de Realengo, “a semelhança entre as imagens impressiona, de um lado o massacre em um colégio do Rio, o outro videogames em que o jogador pode fazer o papel do assassino”. É construído todo um argumento maniqueísta em relação aos jogos, sugere ao telespectador, que os jogos, principalmente os considerados “violentos” podem estimular comportamentos agressivos, como este presenciado no Rio de Janeiro.

Esta reportagem apresenta uma única interpretação possível sobre os jogos eletrônicos considerados “violentos”: uma visão maniqueísta. Com podemos perceber estas reportagens reduzem todo o problema da violência à relação do indivíduo com os jogos. Entretanto, podemos questionar esta interpretação. E neste sentido, algumas questões devem ser feitas, como por exemplo: o problema é realmente da relação que o indivíduo estabelece com os jogos? A violência cometida por estes jovens, à violência presente nos jogos não tem alguma relação com a sociedade em vivemos?

²³ Acadêmico do 3º ano de História da UNIOESTE.

²⁴ Acadêmico do 1º ano de História da UNIOESTE.

A especulação por trás dos videogames

Elionay Rodrigues Marques²⁵
Luana Milani Pradela²⁶

Nos últimos tempos, a violência tornou-se parte de nosso cotidiano. Nós nos defrontamos com ela nos filmes, livros, novelas, noticiários e principalmente na rua. No entanto, o que mais tem assustado a sociedade são os massacres praticados por e contra jovens e crianças, os quais ultrapassam todos os limites da violência.

Para deixar mais claro, são estes, casos como o de Realengo, onde um atirador entrou numa escola do bairro e assassinou 13 crianças inocentes e depois cometeu suicídio sem maiores explicações.

Acontece que após esses fatos se realizarem, há toda uma discussão politicamente correta, que procura descobrir os motivos que levam esses jovens – e até mesmo crianças – a cometerem tais atrocidades, e acabam pondo a culpa na influência que os filmes, livros, novelas (exemplos já citados) exercem sobre essa juventude. Nessa concepção, têm-se sugerido como grande vilão o videogame, que com seus jogos violentos e sanguinários estariam impulsionando seus praticantes a cometerem atos hediondos.

Sobre essa ideia há várias teorias, como a do tenente-coronel David Grossman, que defende que o jovem que passa horas jogando nesses simuladores de homicídios, supera a aversão em matar, tornando-se insensível e automático nas miras fatais. Para Grossman, “são mecanismos que preparam as crianças para tornar realidade suas fantasias de morte”. Para fundamentar essa teoria, ele ainda cita o caso de Michael Carneal, que aos 14 anos abriu fogo contra seus colegas na Eath High School, acertando 8 jovens, sendo 5 na cabeça. Segundo Grossman, sua experiência teria vindo das horas jogando videogames, já que nunca tivera manipulado uma arma antes.

Em contrapartida, inúmeras outras teorias tentam derrubar esse estereótipo. Médicos de Harvard, do Centro Médico de Estudos Mentais, desenvolveram uma pesquisa sobre o uso do videogame e jogos violentos, a qual concluiu que esses jogos na verdade promovem a interação social, o relaxamento e o alívio ao invés de promover um comportamento violento. Devemos nos atentar que não são somente essas as discussões feitas sobre os jogos de videogame. Estes são produzidos com a finalidade de obter capital com a sua venda, e quem os produz não se interessa na influência que o jogo pode ou não causar, a indústria do

²⁵ Acadêmica do 1º ano de História da UNIOESTE.

²⁶ Acadêmica do 1º ano de História da UNIOESTE.

videogame somente produz jogos sanguinários porque sabe que serão aceitos no mercado e terão um bom resultado de vendas.

Os pais muitas vezes são aqueles que compram os jogos para seus filhos, pois não têm tempo suficiente para dar-lhes atenção. Esses filmes, videogames e outras formas de entreter jovens e crianças são considerados as “babás-eletrônicas”. O que devemos evidenciar é uma pré-conscientização dos pais para os filhos sobre determinados atos inseridos nos jogos, apontando que tais atividades não podem ser manifestadas fora do jogo.

Deparamo-nos com várias perspectivas sobre todas essas atrocidades, cada um movendo a culpa para outro, mas na verdade, de quem é a culpa? Existe um culpado apenas, ou é o conjunto dos fatos que determina o ponto em que chegam?

Massacres escolares e Bullying: uma relação perigosa

Joselene Ieda de Carvalho²⁷
Vânia Inocêncio²⁸

Nos últimos 20 anos as escolas, em diversas partes do mundo, se tornaram palco de um fenômeno violento e trágico como o que ocorreu no dia 07 de abril de 2011 no Rio de Janeiro, quando um jovem matou 12 alunos numa escola localizada no bairro de Realengo. A grande mídia tem apresentado estes massacres ocorridos nas escolas como uma decorrência do *bullying escolar*.

Assim como os massacres o *bullying escolar* é um conceito recente, trata-se de uma denominação que surgiu na década de 1970 na Noruega e refere-se a um tipo de violência que se tornou objeto de grande preocupação das sociedades industrializadas. As pesquisas desenvolvidas até o momento são consensuais em indicar o *bullying* como uma forma de violência, traduzida como um comportamento agressivo que se manifesta sem uma razão aparente e de maneira repetida, quase sempre numa relação de desequilíbrio entre as partes envolvidas. De modo geral o *bullying escolar*, segundo especialistas está relacionado com práticas de intimidação que podem ocorrer através de agressões físicas e outras formas de sujeições que se traduzem na extorsão de dinheiro, na destruição do patrimônio do outro, na imposição de determinados comportamentos sexuais e servis, nos comentários preconceituosos e na manipulação da vida social alheia.

Na avaliação da mídia o *bullying escolar* sofrido pela maioria dos jovens envolvidos nos massacres nas escolas é um dos fatores principais para explicar seus atos. O modo como a mídia descreve e explica estes eventos trágicos sugere que o assassinato de alunos e professores das escolas feito por estes jovens são uma resposta extremada e violenta às agressões, humilhações e preconceitos sofridos durante sua vida escolar. Esta explicação parece já estar prescrita. Se realizarmos uma pesquisa sobre o massacre ocorrido em Realengo constataremos que antes mesmo de investigar os acontecimentos, os jornais anunciavam que o autor deste massacre sofrera bullying na escola. Havia a necessidade de apresentar imediatamente uma explicação para aquela tragédia.

Esta explicação cumpre um papel importante no esforço ideológico da grande mídia em manter a ordem e evitar o questionamento das bases da sociedade em que vivemos: a violência e o autoritarismo. Neste sentido, é válido recuperar as ponderações feitas por

²⁷ Acadêmica do 2º ano de História da UNIOESTE.

²⁸ Acadêmica do 3º ano de História da UNIOESTE.

Antunes e Zuin²⁹ segundo os quais: “O conceito de bullying parece exercer o papel de adaptação, ao classificar a barbárie, e pretensamente controla-la por esta via. O conceito de bullying coloca tudo em seu lugar, tenta arrumar e justificar tudo aquilo que fere a ideologia democrática e acaba por mascarar as tensões sociais e contradições que estão na base da própria barbárie”. Em certa medida o conceito de *bullying* serve para escamotear o caráter autoritário da sociedade capitalista que impõe padrões de comportamentos. Não por acaso, todos aqueles que se envolvem na prática do *bullying* dirigem seu ódio às pessoas que consideram fora dos padrões sociais ou culturais dominantes.

Estas ponderações sobre a construção do conceito e seu papel ideológico nos parecem uma excelente oportunidade para indagarmos sobre as razões que levam a mídia associar de maneira tão incisiva os massacres e o *bullying escolar*.

²⁹ ANTUNES, D. C; ZUIN, A.A. Do Bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**. 20 (1), pp.33-48, 2008.

O reflexo dos valores capitalistas no ambiente escolar

*Lucas Blank Fano*³⁰

*Lúcio Fellini Tazinaffo*³¹

No século XX um fenômeno social tem provocado grande preocupação e medo no mundo: o assassinato de estudantes nas escolas protagonizados por jovens. Entendemos que estes acontecimentos devem ser entendidos como fenômenos sociais tendo em vista que não se tratam de eventos raros ou isolados, principalmente se observamos que esses massacres têm ocorrido em diversas partes do globo, não só na Europa e nos EUA e que a grande maioria dos envolvidos era considerada, antes de seus atos, normal. Erroneamente esses casos têm sido tratados pela mídia como um problema da escola, cuja causa se encontra no ambiente escolar. Mas é preciso considerar que a escola, como um produto de nossa sociedade, reflete as contradições e tensões que caracterizam nosso modo de vida.

Em nossa sociedade somos preparados para a “vida” desde cedo para sermos melhores do que os outros, por causa da forte concorrência característica da sociedade de mercado. Nesse sentido, a educação característica de nossa sociedade e desenvolvida em nossas escolas promove a competitividade e estimula o individualismo. A escola, em consonância com os padrões culturais da sociedade capitalista tem como objetivo a formação de máquinas produtivas que devem ser capazes de responder aos imperativos do mercado e se adequar ao perfil social do vencedor: flexível, criativo, competitivo, superficial no contato pessoal e indiferente aos projetos sociais coletivos. O que prevalece na sociedade e, portanto, entre os jovens é que o sucesso material é o único motivo de apreço e consideração social.

Não podemos pensar na educação como parte da formação do ser humano, seja na família ou na escola, apenas como uma maneira de nos prepararmos para competir no mercado e, sim, como meio de obtermos conhecimento, de nos tornarmos pessoas melhores: não melhores que os outros, mas melhores juntos, coletivamente falando³².

Acreditamos que um antigo axioma deveria estar na mente de todas as pessoas: “não faça aos outros aquilo que eu não quero que façam comigo”. Valores como respeito, educação, compaixão, humildade e tolerância permitiriam uma boa e harmoniosa convivência entre as

³⁰ Acadêmico do 2º ano de História da UNIOESTE.

³¹ Acadêmico do 2º ano de História da UNIOESTE.

³² A discussão sobre os valores da nossa sociedade e de um regresso para uma ética mais igualitária e justa pode ser vista no texto “Virgínia Tech: Anatomia de um Massacre à Luz da Ética da Virtude”, do prof. Ramiro Marques, presente no site: http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pratica/Virg%C3%ADnia%20Tech%20anatomia%20de%20um%20massacre.pdf, acessado em abril de 2011.

peessoas, criando e mantendo uma sociedade justa, igualitária e fraternal.

Diante disso o que devemos fazer para mudar a situação? Para começar é preciso fugir das respostas fáceis, e reconhecer que essas tragédias nas escolas não são um problema exclusivo da escola, mas são expressões trágicas dos efeitos dos valores engendrados pela sociedade capitalista. Tais valores infectaram a sociedade como um todo, afetando as pessoas na mais tenra idade, renovando uma sociedade que é marcada pelas desigualdades sociais, pela injustiça e pelo individualismo. Se não repensarmos e mudarmos a sociedade em que vivemos, iremos continuar a manter as desigualdades sociais e tornaremos a ver nos meios midiáticos, notícias de jovens que sucumbiram diante dos valores de uma sociedade contraditoriamente antissocial.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

ALVES, L. R. Jogos eletrônicos e violência: desvendando o imaginário dos screenagers. **Revista Faebra – Educação e Contemporaneidades**. Salvador, v.11, n.18, pp.437-446, jul-dez, 2002.

ANTUNES, D. C; ZUIN, A.A. Do Bullying ao preconceito: n os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**. 20 (1), pp.33-48, 2008.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Francisco da Silveira Bueno; colaboração de Dinorah da Silveira Campos Pecoraro, Giglio Pecoraro, Geraldo Bressane. – 11. Ed./ 10ª tiragem – Rio de Janeiro: FAE, 1986.

COSTA, J. F. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. NOVAES, R. C. R (org.). In: **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004.

VANNUCHI, P.(orgs). **Juventude e Sociedade**. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2003.

COUTO, Cyro Augusto Pachiscoski. “o Decurso das Mídias e a Espetacularização da Violência: Aspectos da Construção da Comunicação e da Cultura” In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Santos: _ 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coordenação de Mariana Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. – 4ª edição – Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

KURTZ, Robert. “A Pulsão de Morte da Concorrência” In: **Folha de São Paulo. Caderno Mais**. Edição do dia 26/05/2006. (Disponível em <http://www.uol.com.br/fsp>)

LIMA, Raymundo. **Alerta aos videogames e filmes violentos**. Disponível no site <http://www.espacoacademico.com.br/018/18ray.htm>, acessado em março de 2011.

MARQUES, R. Virgínia Tech: Anatomia de um Massacre à Luz da Ética da Virtude. **Interações**. No. 5, pp72-81, 2007.

SCHWARTZ, Gisele Maria; Luis Henrique Sunao Namizaki. **Comportamento agressivo, violência e videogame**. Disponível no site: <http://www.efdeportes.com/efd80/video.htm>, acessado em Maio de 2011.

Sítios Consultados:

<http://www.espacoacademico.com.br/018/18ray.htm>, acessado em março de 2011.

A TAÇA DO MUNDO É NOSSA. E A COPA DE 2014? DE QUEM É?³³

Celso, o Maracanã e a Copa de 2014.

Profº Dr. Antônio de Pádua Bosi³⁴

Celso Marques dos Santos é peão de obras na cidade do Rio de Janeiro. Botafoguense, ele tem 57 anos. Eu o conheci em janeiro de 2011, durante o jogo em que o Glorioso bateu o Duque de Caxias por 2 a 1, com gol de Loco Abreu! Lado a lado na arquibancada, comemoramos juntos os dois gols que deram à torcida a esperança de um bom começo. Meu amigo tricolor das laranjeiras, que me acompanhou naquela tarde, registrou o momento para a posteridade. Afinal, eram dois botafoguenses que, separados pela distância de quatro estados, foram postos juntos por força do futebol! Alegre de ter encontrado um compatriota vindo de tão longe Celso convidou a mim e ao meu amigo para uma comemoração no “botachopp”, ao lado do Engenhão.

Torcedores falam de seus times..., mas quando são identificados com a mesma bandeira contam sobre suas trajetórias. A memória de Celso estava repleta de conquistas, vitórias e glórias. Ele disse que viu o Botafogo jogar pela primeira vez em 1964, levado ao Maracanã por seu pai. O placar de 1 a 0 contra o Flamengo marcou também a despedida de Nilton Santos, bicampeão mundial, conhecido como a enciclopédia do futebol, o melhor lateral esquerdo do mundo. Aquela tarde de Maracanã cheio ajudou a decidir o destino de Celso como botafoguense. Os esforços de seu pai para engajá-lo nas fileiras da Estrela Solitária foram recompensados. Com 10 anos de idade nascia mais um alvinegro carioca, e o palco onde aconteceu seu batismo transformou-se em sua casa! Lá, no Maracanã, ele assistiu a exibições espetaculares. Viu a estreia de Jairzinho, a despedida de Garrincha, o Rei Pelé em atuações ontológicas pelo Santos, a inteligência de Afonsinho... tudo isso sentado na arquibancada do Maracanã.

Foi então que o entusiasmo de Celso deu lugar ao lamento. Lembrou-se de como o futebol e seus heróis foram maltratados por cartolas, empresários e todo tipo de gente que só

³³ Mural produzido em Julho/Agosto de 2011. Coordenação: Antônio de Pádua Bosi e Marcos Vinícios Ribeiro. Estagiários: Alex Sander Sanoto, Elionay Rodrigues Marques, Guilherme Dotti Grando, Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho, Luana Milani Pradela, Lucas Blank Fano, Paulo Roberto da Costa Sartori e Vânia Grazielle Inocência.

³⁴ Docente do curso de História da UNIOESTE.

fez lucrar com a alegria do povo. Aliás, disse ele, “alegria do povo era um dos apelidos de Garrincha”. Seus olhos marejaram ao falar do “anjo torto”, e de como ele foi corroído por inúmeras infiltrações no joelho e pelo vício do álcool. Cabisbaixo, enxugando os olhos, Celso sussurrou: “ele morreu de cirrose, em 1983 eu acho..., na verdade seu futebol morreu antes, quando o joelho ficou bichado. Mas trabalhador morre assim mesmo, desassistido”. Rapidamente ele passou em revista um sem-número de jogadores que terminaram como Garrincha. “Veja o Marinho Chagas. O cara jogava demais. Já deu um chapéu no Pelé, você sabia? Jogador de seleção. Agora precisa de ajuda, de dinheiro pra se tratar do alcoolismo. Me diz se isto está certo?”

A conversa, que começou animada, aos poucos foi ganhando contornos tristes, numa escala que foi da queixa a condescendência. Tentei mudar de assunto, em vão. Perguntei onde ele trabalhava. A resposta adicionou mais dor à conversa. “Trabalho na reforma do Maracanã”. Semana passada eu assisti destruírem as arquibancadas. Eu me sentava lá. Vão colocar cadeiras numeradas no lugar. Você sabia que eu já vi jogo no „Maraca” com 180 mil pessoas? Agora só cabem 80 mil e depois da reforma vai caber menos ainda. Vai virar estádio pra gente rica. Mas eu guardei um pedaço daquela arquibancada pra mim”. É..., aquela conversa não tinha como melhorar. Alegria de botafoguense é assim mesmo, triste. Nos despedimos e fui embora com meu amigo tricolor.

E a Copa? Bem..., Celso não verá a Copa do lugar que sempre ocupou desde que seu pai o levou pra ver a despedida de Nilton Santos. É um trabalhador... igual ao Garrincha. Pra sobreviver vê-se obrigado a demolir o Maracanã, uma parte de si. O pedaço da arquibancada será mostrado aos netos, junto com as memórias sobre o “anjo torto”, Pelé e Afonsinho. Sua presença viva testemunha que a Copa de 2014 e o Maracanã não serão para os trabalhadores como ele. Será pra você?

A Copa do Mundo é Nossa?

*Lucas Blank Fano*³⁵
*Vânia G. Inocêncio*³⁶

Com um forte apelo da mídia, cujo principal slogan era “A Copa do Mundo é nossa”, e um forte incentivo por parte do governo federal, o discurso era de que o Brasil teria total capacidade de ser o país sede da Copa de 2014, assim como as Olimpíadas de 2016. Porém, o que vemos é um grande atraso nas obras, um custo orçamentário exorbitante e a insatisfação popular presente nas manifestações pelas ruas e através também dos meios de comunicação. O principal alvo dos protestos é o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, que também é presidente do Comitê Organizador Local para a Copa (COL).

Em praticamente todos os estádios as obras estão atrasadas, e os custos cada vez maiores, principalmente àqueles em que serão utilizadas as verbas públicas: o estádio “Itaquerão”, em São Paulo, custará entre R\$ 700 milhões a R\$ 1,07 bilhão, sendo que R\$ 420 milhões vem do dinheiro de impostos, na forma de isenção³⁷. Ou seja, dinheiro público utilizado em uma obra privada que beneficiará o clube pois, após a Copa, este continuará utilizando dos benefícios do novo estádio. Enquanto os organizadores estão preocupados com os “padrões FIFA”, os trabalhadores não estão isentos dos seus compromissos fiscais, diferentemente da empreendedora responsável pela construção. Portanto, não é de se estranhar as inúmeras manifestações contrárias às medidas impostas pelo COL, principalmente depois das declarações dadas por seu presidente à imprensa: “Em 2014, posso fazer a maldade que for. A maldade mais elástica, mais impensável, mais maquiavélica. Não dar credencial, proibir acesso, mudar horário de jogo. E sabe o que vai acontecer? Nada. Sabe por quê? Por que eu saio em 2015. E aí, acabou”³⁸.

Enquanto isso, em Brasília foi aprovada uma Medida Provisória³⁹, que estabelece sigilo nos orçamentos voltados para a Copa de 2014 e para a Olimpíada de 2016. O que implica isso? Implica que os preços, agora, podem subir o quanto os sujeitos envolvidos nesse jogo de interesses acharem necessário e, através das declarações dadas pelo seu principal membro, fica a preocupação das prioridades com o dinheiro público.

³⁵ Acadêmico do 2º ano de História da UNIOESTE.

³⁶ Acadêmica do 3º ano de História da UNIOESTE.

³⁷ http://espn.estadao.com.br/maurocezarpereira/post/203897_VIDEO+PREFEITURA+ENFIA+SEU+DINHEIRO+O+EM+OBRA+PRIVADA+E+O+INDECENTAO, acessado em Julho de 2011.

³⁸ <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-58/figuras-do-futebol/o-presidente>, acessado em Julho de 2011.

³⁹ http://espn.estadao.com.br/futebolinternacional/noticia/197601_ORCAMENTO+DA+COPA+SERA+MANTI+DO+EM+SIGILO+DIZ+TEXTOS+DE+ULTIMA+HORA+DA+MP+APROVADA+NA+CAMARA, acessado em Julho de 2011.

Além das obras atrasadas, os estádios construídos para a copa, principalmente aqueles financiados com o dinheiro público, estão com o custo orçamentário muito elevado. Para efeito de comparação citamos a reforma do Maracanã, que está estimada em R\$ 1,1 bilhão, com 76 mil lugares disponíveis, contrastando com os orçamentos previstos para estádios de clubes da primeira divisão da Alemanha, como o do Augsburg: R\$ 100 milhões, 30.660 lugares, e o do Mainz: R\$ 140 milhões, 34 mil lugares⁴⁰. Entendemos que o Maracanã é o maior estádio do mundo mas, mesmo assim, o elevado custo orçamentário não se justifica, pois a diferença para com outros estádios é exorbitante.

Enquanto os responsáveis pelo planejamento da Copa de 2014 no Brasil estão destinando uma alta quantia que, inclusive, não temos mais o direito de saber, por conta da Medida Provisória, a maioria das pessoas das cidades-sede da copa continuam sofrendo com o descaso, por parte do Estado, com relação à direitos garantidos por lei, como é o caso do Rio de Janeiro, onde houve o fechamento de um hospital agora no mês de agosto, como podemos ver em um trecho desta reportagem:

“Pela segunda vez esta semana, um hospital municipal do Rio de Janeiro não tinha a sua equipe completa para atender os pacientes. Esse é mais um indício da crise na saúde pública que afeta os cariocas. Com falta de funcionários e excesso de pacientes, as instituições públicas dão seus sinais de falência e precisam, urgentemente, de medidas mais eficientes. Dessa vez, o fechamento da emergência aconteceu na manhã de reforços no atendimento. Na quarta-feira, o problema foi identificado no hospital Paulino Werneck, na Ilha do Governador. Na porta da unidade, o cartaz dizendo que somente casos muito graves eram atendidos indicava mais um dia de caos”⁴¹.

Apenas a reforma do Maracanã custará R\$ 1,1 bilhão, todo esse dinheiro gasto para deixar tudo nos “padrões FIFA”, enquanto a saúde, direito básico da população, é deixada de lado. Outro direito básico garantido por lei, a educação, também está ameaçado, com descaso por parte do Estado, que se concretiza nas reivindicações dos professores: no Rio Grande do Norte, outro local escolhido para sediar a Copa, os professores ficaram em greve por mais de 80 dias, na luta por melhores direitos de trabalho⁴². Estes não são fatos isolados. Em outros lugares do Brasil, mesmo onde não há a construção de estádios, também há descaso por parte do poder público, como em Santa Catarina, onde as aulas ficaram mais de dois meses

⁴⁰http://espn.estadao.com.br/maurocezarpereira/post/200120_COPA+E+EURO+MIGRAM+PARA+PAISES+O+NDE+HA+MAIS+CORRUPCAO+VEJA+OS+NUMEROS, acessado em Julho de 2011.

⁴¹<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/falta-de-medicos-fecha-mais-um-hospital-no-rio>, acessado em Julho de 2011.

⁴²<http://noticias.uol.com.br/educacao/2011/07/21/apos-80-dias-de-greve-professores-retornam-aulas-para-300-mil-alunos-no-rn.jhtm>, acessado em Julho de 2011.

suspensas⁴³, por motivos parecidos com os da paralisação no Rio Grande do Norte.

Sim, podemos ter a Copa de 2014 acontecendo aqui no Brasil, mas temos também hospitais fechando por falta de funcionários, falta de reajustes salariais em setores públicos, entre tantos outros problemas sociais. Nesse sentido, percebemos que o slogan da campanha: “A Copa do Mundo é nossa”, não condiz com a realidade pois, enquanto empreiteiras são isentas de pagar impostos, os trabalhadores continuam financiando a Copa, sem participar no seu planejamento e sem saber para onde está indo o dinheiro. Além disso, a população continua sofrendo com o descaso do Governo.

⁴³<http://noticias.terra.com.br/educacao/noticias/0,,OI5248965-EI8266,00SC+professores+estaduais+encerram+greve+de+mais+de+meses.html>, acessado em Julho de 2011.

Movimento Social e Redes Sociais: a questão da CBF

*Alex Sander Sanoto⁴⁴
Joselene Ieda de Carvalho⁴⁵*

No dia 30 de Outubro de 2007, foi divulgada a confirmação que a sede da Copa de 2014, seria no Brasil. Os brasileiros aguardavam ansiosamente, afinal, faziam 57 anos que o Brasil que é reconhecido como o país do futebol, não era sede de uma Copa do Mundo. Como não poderiam deixar por menos, diversas pessoas utilizaram-se dos sites de redes sociais, como meios para expressar sua opinião sobre a Copa de 2014, recebendo maior destaque, as críticas feitas à Ricardo Teixeira, presidente da CBF.

Foram diversas críticas realizadas à Ricardo Teixeira, muitas dessas foram transmitidas pelos meios de comunicação. Desde Janeiro de 1989, Ricardo Teixeira, assumiu o 18º posto de presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). No ano de 2007, seu mandato terminou; no entanto, foi prolongado para permanecer até o final da Copa de 2014, que será no Brasil.

Uma das maiores acusações contra Ricardo Teixeira é de que ele pretende aproveitar-se da Copa de 2014 para se eleger presidente da FIFA, sendo assim acusado por querer ser o “dono do futebol brasileiro”. Realmente é lastimável, pois, é ele quem decide o valor do jogo da seleção, quem irá transmiti-lo e negocia também, quem vai patrociná-lo.

Nas últimas décadas, uma forma bastante utilizada para manifestar contentamento e reivindicações, tem sido os sites de redes sociais. Em Julho de 2006, foi criada uma comunidade no Orkut (site de relacionamentos) com o título de: “Ricardo Teixeira fora da CBF.” Desde a criação desta comunidade, conta com a participação de 5.971 participantes, há tópicos que demonstram a indignação dos brasileiros, perante as corrupções realizadas por Ricardo Teixeira. No entanto, o que observamos é o fato que no ano de 2011, aumentaram as publicações nos tópicos referentes à críticas, e a participação de mais usuários que se conectaram à essa comunidade.

Em uma entrevista concedida à revista Piauí, no dia 08 de Julho de 2011, Ricardo Teixeira, respondeu à acusações, utilizando-se de palavras de baixo calão. Interessante notar, que nesta comunidade no Orkut, os tópicos passaram a serem utilizados como local para organização de manifestações. Como por exemplo, um tópico recente do dia 11 de Agosto de 2011, que convida à todos os torcedores, que ao irem aos estádios assistirem jogos de seus times, levem faixas escritas: **Fora Ricardo Teixeira.**

⁴⁴ Acadêmico do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁴⁵ Acadêmica do 2º ano de História da UNIOESTE.

O Orkut não é o único site de redes sociais, que está sendo utilizado para organização de manifestações, resultado da indignação dos brasileiros, contra o presidente da CBF. O twitter, que vem recebendo cada vez mais usuários, tem servido também para troca de informações sobre a Copa de 2014, para críticas e discussões sobre Ricardo Teixeira. No dia 27 de Julho de 2011, o assunto mais mencionado e discutido pelos tuiteiros foi: #foraricardoteixeira. Este assunto esteve no auge dos TTs (trending topics, ou seja, tendências por tópicos que são os assuntos mais acessados) e inesperadamente foi excluído do twitter, acusado de ser uma ação de spam. No entanto, os brasileiros não desistiram. Foram criadas inúmeras outras formas de manifestação. Novos TTs foram inventados, como: #foraoficial, #adeusRT, #Outricardo. No twitter do jornalista Juca Kfourri, há diversos comentários e discussões, escritos por ele e por alguns dos 32.397 seguidores sobre a entrevista de Ricardo Teixeira à revista Piauí e sobre suas ações visando a Copa de 2014. Juca Kfourri, no dia 10 de Agosto escreveu em seu twitter um convite à todos os seus seguidores, para participarem da caminhada pela Campanha: Fora Ricardo Teixeira em São Paulo, que será realizada no dia 13 de Agosto de 2011, que terá início em frente ao Museu de Arte São Paulo, seguindo em direção até a Praça Charles Miller.

Diante de tais reivindicações, entendemos que de todos os lugares do Brasil, há pessoas que se indignam e que mesmo não estando frente a frente à Ricardo Teixeira, tentam manifestar-se contra suas ações. Notamos que ainda permanece o sonho dos brasileiros de que Ricardo Teixeira saia da CBF e que o Brasil se torne o país vitorioso na Copa de 2014.

Copa do Mundo: Prato Cheio para a Indústria

*Luana Milani Pradela⁴⁶
Paulo Roberto da Costa Sartori⁴⁷*

A Copa do Mundo é um dos maiores eventos esportivos do mundo, e na edição de 2014 será realizada no Brasil. Um evento que mobiliza milhares de pessoas de todos os lugares do mundo e movimenta bilhões de dólares. O povo brasileiro, como um dos mais devotados, aguarda com ansiedade ver o futebol arte; mas as expectativas dos grandes magnatas e cartolas do futebol são outras.

Levando em consideração esses elementos, somados a audiência gigantesca proporcionada pelos jogos e a forma como marca a vida das pessoas, inúmeras expectativas são geradas e altos investimentos são feitos em relação ao evento. Para se ter uma base, o Mundial de 2010 teve audiência acumulada de cerca de 30 bilhões de pessoas. Cria-se, portanto, um caráter consideravelmente comercial, e investidores de vários campos admitem a importante vantagem que conseguem em relação a seus concorrentes. Como revelou um dos representantes da Coca-Cola, patrocinadora da Copa desde 1978: "Copas marcam gerações, são referenciais da vida de cada um de nós. É impressionante como nos lembramos de situações que vivenciamos em anos de Copa... É uma oportunidade fantástica para uma marca se associar a esses momentos especiais".

A corrida entre as grandes empresas para fornecer patrocínio é tão acirrada que até mesmo a Igreja Universal do Reino de Deus entrou na disputa, admitindo que a oportunidade é ótima para expandir suas filiais e abranger o maior número possível de fiéis, além de garantir maior audiência para a Rede Record, grupo ao qual é vinculada. Este ano apareceram nomes até como a da Johnson & Johnson, o primeiro parceiro oficial para "cuidados com a saúde".

Os patrocinadores costumam ser divididos em um sistema hierárquico – masters, locais e ainda os “globais partners” – sendo estes últimos, parceiros de todos os eventos da FIFA – como Adidas, Coca-Cola e Visa. Dividindo sua publicidade por entre as mais variadas formas de exposição: placas em jogos, em treinos – além de garantirem o título de patrocinadores oficiais e o bloqueio da entrada de concorrentes. As marcas aparecem, em maior ou menor grau, de acordo com a quantia investida por cada uma.

Para dar dimensão ao crescimento desse “negócio”, a seleção brasileira arrecadou

⁴⁶ Acadêmica do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁴⁷ Acadêmico do 1º ano de História da UNIOESTE.

256,5% a mais em patrocínios em 2010 - na Copa que teve como sede a África do Sul - do que quatro anos antes. Na época, eram quatro patrocinadores, entre eles Vivo Nike e AmBev, que pagavam então a inédita quantia de R\$ 60 milhões. Para a Copa de 2014, chegam a oito o números de patrocinadores, visualizando para o evento uma quantia ainda maior.

A relação entre empresas patrocinadoras e o esporte deve ser analisada nestes momentos do futebol mundial. O esporte virou nada mais do que um negócio, onde o que importa é o lucro. O pluralismo perde espaço para o “espetáculo televisivo e publicitário”, a propaganda tornou-se a alma do futebol.

Essas imensas quantias investidas nos levam a fazer uma série de questionamentos sobre as reais intenções que envolvem um evento deste porte. Podemos nos perguntar se as estratégias publicitárias não guardam um caráter fechado, não democrático, regido pelo interesse de alguns poucos para fomentar o consumo ou até mesmo um caráter de alienação? Quem será que realmente ganha com tudo isso? Será que são mesmo necessárias somas faraônicas para gerir este sistema? Para termos o nosso futebol arte?

Pois enquanto o esporte continuar servindo aos interesses comerciais das empresas e suas respectivas marcas, teremos cada vez mais dificuldade em entendermos qual o real sentido dos torcedores fazerem inúmeros esforços e sacrifícios pelo futebol.

**Futebol e os Trabalhadores:
O outro lado da construção da Copa do Mundo de 2014**

*Elionay Rodrigues Marques⁴⁸
Guilherme Dotti Grando⁴⁹*

Em 2014 o Brasil será palco da próxima edição da Copa do Mundo de futebol. Desde a primeira edição do evento, em 1930 no Uruguai, até a última edição realizada em 2010, na África do Sul, esta será a segunda vez que a Copa acontecerá no Brasil. Nesse intervalo de 71 anos foram realizadas dezenove edições do campeonato e, em grande medida, este evento não se deu alheio a História e aos conflitos econômicos, políticos e sociais desse intervalo temporal do século XX e XXI.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha encontrava-se debilitada material e moralmente, encontrando na vitória da Copa do Mundo de 1954 uma tentativa de recuperar algum respeito internacional. Diego Maradona na Copa de 1986 chegou a reconhecer que, no contexto da guerras das Malvinas, o jogo entre a seleção argentina e a seleção inglesa era mais do que uma partida de futebol, era uma revanche. Na Copa de 1962 realizada no Chile, João Goulart lembrou a delegação da seleção brasileira que a Copa do Mundo “faz os brasileiros esquecerem nossas dificuldade econômicas, e assim é mais preciosa que o arroz”.

Neste sentido, a escolha do Brasil como país sede para a próxima edição da Copa do Mundo em 2014 também não pode ser pensada deslocada das questões sociais, econômicas e políticas que ensejam tal escolha. Uma das faces da vinda da Copa ao Brasil já nos foi apresentada, por exemplo, pelo próprio vídeo enviado a FIFA no momento do processo de seleção do país sede da Copa de 2014. Ali houve grande esforço para mostrar á alta cúpula dos dirigentes internacionais que o Brasil era um país das mais magníficas belezas, com lindas paisagens, onde todos se encontram no final da tarde em belas praias para jogar uma partida de futebol de areia.

Junto a isso, constrói-se a todo momento o discurso de que com a Copa o Brasil se tornaria um canteiro de obras que garantiria a infraestrutura necessária à realização do evento. A Copa traria consigo estádios de futebol de grande porte, melhoras nos sistemas de transporte públicos, setor hoteleiro etc. Isso tudo sem falar nos empregos que estas obras ofereceriam para os trabalhadores. Neste sentido, a promessa de trabalho é apresentada aos trabalhadores como uma vantagem unívoca, mas ao olharmos as condições de trabalho que são oferecidas a eles poderemos apreender uma face diferente da Copa.

⁴⁸ Acadêmica do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁴⁹ Acadêmico do 3º ano de História da UNIOESTE.

Se pegarmos o caso dos trabalhadores da construção civil que estão trabalhando na construção dos estádios, podemos ter um rápido quadro das condições de trabalho as quais estão submetidos. Em Porto Alegre, cerca de 400 operários trabalham na reforma do estádio do Grêmio em condições precárias de alojamento e, tendo em vista o frio da capital gaúcha, não há roupas apropriadas para o trabalho nas obras. Recentemente esses trabalhadores paralisam suas atividades reclamando do frio a que estão expostos nos alojamentos oferecidos pela empresa que cuida da reforma.

Os 700 operários que trabalham nas obras do que será a Arena Pernambuco, em Recife, devido ao atraso das obras estão tendo seu ritmo de trabalho acelerado, perdendo suas folgas semanais e a justificativa para tamanha intensificação é garantida por cálculos de produtividade. Para garantir o espetáculo da Copa de 2014 estes 700 operários recebem R\$ 792,00 e trabalham até 15 horas por dia. Na capital mineira, Belo Horizonte, a situação das obras não é distinta e os trabalhadores já tiveram de se mobilizar por melhores condições de trabalho.

Esse breve panorama das condições de trabalho as quais estão submetidos os trabalhadores da construção civil indica uma visão diferente da Copa do Mundo de 2014. O espetáculo futebolístico que movimenta quantias gigantescas da capital em contratos de marketing, publicidade, licitações etc., cobra um preço alto destes trabalhadores, por vezes muito mais alto que o valor dos ingressos que serão cobrados para assistir aos jogos.

Em se tratando de valor de ingresso, deve ser levantada uma questão interessante, cujos trabalhadores na área de infraestrutura dos novos estádios não recebem um salário digno para a compra dos ingressos, não podendo usufruir daquilo que ele mesmo está construindo.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

Franco Junior, Hilário. **Futebol e orgulho nacional**. In: Futebol, sociedade e cultura, Companhia das Letras, 2007.

RUY, Carolina Maria. **Esporte, Copa do Mundo e o direito do trabalhador**. Disponível em http://www.fsindical.org.br/portal/conteudo.php?id_con=9456, acessado em Agosto de 2011.

Sítios Consultados:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=16891719>, acessado em Agosto de 2011.

http://www.istoe.com.br/reportagens/119397_PRATO+CHEIO, acessado em Agosto de 2011.

<http://asnovidades.com.br/2009/patrocinador-da-copa-do-mundo-de-2014/>, acessado em Agosto de 2011.

http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/29280_OS+MILIONARIOS+GOLS+MARCADOS+PELA+FIFA, acessado em Agosto de 2011.

<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/938037-audiencia-da-copa-america-deve-ficar-abaixo-do-esperado.shtml>, acessado em Agosto de 2011.

http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=30312, acessado em Agosto de 2011.

Twitter do Blog Oficial de *Juca Kfour* : <http://twitter.com/#!/BlogdoJuca>, acessado em Agosto de 2011.

MOVIMENTO ESTUDANTIL, QUEM DISSE QUE SUMIU?⁵⁰

Movimento Estudantil e Universidade Pública

*Selma Martins Duarte*⁵¹

*Suzane Conceição Pantolfi Tostes*⁵²

Presenciamos nos últimos meses as ocupações de reitorias e manifestações por estudantes em alguns estados do Brasil, como por exemplo, no Rio de Janeiro e no Paraná. O motivo que levou os estudantes a ocuparem as reitorias foi a precarização do Ensino Superior Público, manifesta na falta de professores e funcionários; falta de assistência estudantil; falta de bolsas de pesquisa e extensão; falta de infraestrutura, entre outros elementos. Essa situação vivenciada pelos estudantes insere-se na crise social brasileira, que tem eco em outros setores como a greve nacional dos trabalhadores dos correios, greves dos bancários, greves de professores e funcionários de Universidades e escolas em diversos Estados. Nas pautas de reivindicações destacam-se a busca por melhores condições de trabalho, de ensino-aprendizagem e salários dignos.

Para entendermos a situação atual dos estudantes, professores e funcionários inseridos nas Universidades Públicas no Brasil, é preciso recuar ao passado para recuperar as discussões acerca da funcionalidade da Universidade Pública no país.

A partir de 1970 houve uma expansão dos cursos nas Universidades Públicas pelo país, com isso gerou-se uma ampliação das classes sociais que passaram a frequentar as Universidades. Essa ampliação aconteceu devido à necessidade de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, que significava ter um diploma de curso superior. Porém, paralelo a essa ampliação e massificação do Ensino Superior Público, ocorreram reformas nas Universidades para que as mesmas pudessem se adequar as novas demandas neoliberais capitalistas.

A intensificação do processo de reforma nas Universidades se processou de forma acelerada chegando à década de 1990 ao seu auge. A partir desse momento a Universidade passou a exercer a função operacional, e teve que demonstrar sua qualidade através da

⁵⁰ Mural produzido em Setembro/Outubro de 2011. Coordenação: Selma Martins Duarte e Suzane Conceição Pantolfi Tostes. Estagiários: Alex Sander Sanoto, Elionay Rodrigues Marques, Guilherme Dotti Grando, Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho, Luana Milani Pradela, Lucas Blank Fano, Paulo Roberto da Costa Sartori e Vânia Grazielle Inocêncio.

⁵¹ Docente do curso de História da UNIOESTE.

⁵² Aluna do Programa de Pós – Graduação em História pela UNIOESTE.

competição, consigo mesma, e com outros lugares de ensino. Segundo a filósofa Marilena Chauí, esse momento foi marcado por “[...] aumento insano de horas-aula, diminuição do tempo de mestrado e doutorado, avaliação pela quantidade de publicações, colóquios e congressos, multiplicação de comissões e relatórios, etc.”, além da “flexibilização” dos contratos de trabalho dos educadores. Diante desse novo modelo de ensino superior operacional a Universidade Pública, conforme Chauí, perdeu sua “marca essencial da docência: a formação”⁵³.

Neste contexto social a Universidade Pública e parcelas dos estudantes passaram a reproduzir a lógica do mercado de trabalho. O foco deslocou-se da formação para a rápida aquisição de um diploma e qualificação pessoal, sem preocupação com a sociedade na qual estão inseridos e mesmo com o baixo número de vagas no mercado de trabalho. Uma das consequências dessa postura individualista tem sido a não disposição, de muitos estudantes, em participar e organizar o movimento estudantil dentro das Universidades.

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, estatizada em 1994, foi criada com uma característica multi-campi, com muitas diferenças regionais e problema orçamentário. Assim como as demais Universidades Estaduais do Paraná, a Unioeste foi diretamente afetada pelo sucateamento educacional, gestado no bojo dos governos neoliberais, como os de Fernando Enrique Cardoso, em âmbito nacional, e de Jaime Lerner, no âmbito estadual.

Durante as gestões de Roberto Requião, como governador do Estado do Paraná, houve conquistas para a Unioeste, como a realização de concursos e contratação de profissionais, reposição de parcela das perdas salariais dos servidores, e ampliação dos valores das bolsas de iniciação científica (concedidas através das Fundações de fomento - Araucária, no Paraná, e CNPq e Capes, no país). Porém, é necessário destacar que estas importantes conquistas, negociadas pelos sindicatos, serviram para minimizar o grave quadro em que se encontrava o Ensino Superior no Estado do Paraná. Mas para que a Universidade goze de boas condições para o desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão de qualidade, muito ainda precisa ser feito.

Beto Richa atual governador do Estado do Paraná, frisa com frequência em seus pronunciamentos públicos que a prioridade de seu governo é a educação. Porém, desde o início de seu mandato, em janeiro de 2011, vários cortes de orçamento destinados à educação foram anunciados, atingindo também as Universidades Estaduais. No mês de setembro de

⁵³ CHAUI, M. S. Universidade em ruínas. In: TRINDADE, Hégio (org.). **Universidade em Ruínas: na República dos professores**. RJ: Vozes/RS: CIPEDS, 1999.

2011 a mídia veiculou a informação que o governador teria voltado atrás e liberado verbas para as Universidades. O descaso com a educação de Beto Richa também é visível no tratamento às escolas públicas. Recentemente a Secretaria de Educação do Estado anunciou que fecharia turmas, agrupando os alunos em turmas maiores, para diminuir o número de professores em sala, precarizando ainda mais as condições de trabalho, com turmas superlotadas. Após manifestação de professores e da comunidade o governador também voltou atrás na decisão. Observa-se nessa política do Estado o descaso com a educação pública em todos os níveis.

Diante dos cortes orçamentários e da pauperização das Universidades estaduais houve uma reação organizada do Movimento Estudantil, por exemplo, na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Os estudantes fizeram manifestações reivindicando aumento de verbas para as universidades públicas, maior infraestrutura aos campi extensivos da UEM e melhorias no Restaurante Universitário (RU). Os estudantes da UEM conseguiram uma reunião com o secretário da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti), Alípio Leal, realizada no dia 30 de agosto. Após a reunião os estudantes desocuparam a reitoria, e aguardam o cumprimento, por parte do governo e reitoria, de suas reivindicações.

Na UNIOESTE os estudantes também estão mobilizados, mas é importante ressaltarmos que as condições estruturais da Unioeste ainda estão muito aquém das condições da UEM. Por essa razão, na pauta de reivindicações estudantis em Marechal Cândido Rondon, da mesma forma que nos demais campi, destacam-se: criação de Restaurantes Universitários e de Casas de Estudantes. Como a Universidade é Multicampi, os estudantes encontram certa dificuldade de articulação com os demais campi, e o grau de mobilização é diferente em cada campus. Para aprofundarmos a análise nesse artigo concentraremos nossa discussão sobre o Movimento Estudantil do Campus de Marechal Cândido Rondon – PR.

O movimento estudantil na Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon foi criado no final da década de 1980. Desde então, acompanha todas as transformações na Universidade e tem criado formas de resistência às políticas de sucateamento impostas ao ensino superior público.

A heterogeneidade e divergência em relação ao método de condução das políticas estudantis, dentro da Universidade, são características do movimento estudantil. Mesmo que as entidades estudantis não consigam mobilizar amplos setores de sua base, sua organização e pautas de demandas representam de forma significativa uma expectativa da grande maioria da comunidade acadêmica. Porém, deve-se ressaltar que as divergências entre os estudantes interferem no processo de agregação da base, bem como, nas decisões sobre as estratégias a

serem tomadas para conquistar assistência estudantil e melhores condições no Ensino Superior Público.

Em sua trajetória o Movimento Estudantil em Marechal Cândido Rondon defendeu bandeiras de lutas em defesa da universidade pública e gratuita e com qualidade. Inicialmente destacaram-se as reivindicações em defesa da autonomia da universidade, contratação de funcionários e professores, e construção de salas de aula e laboratórios. No decorrer dos anos, os estudantes passaram a encabeçar além dessas, outras bandeiras, tais como: espaço físico para os Centros Acadêmicos (CAs) e Diretório Central dos Estudantes (DCE); contratação de professores e funcionários; fim da cobrança de taxas (carteirinha da biblioteca, histórico escolar e declaração de matrícula); construção de Restaurante Universitário; construção da Casa do Estudante; aumento do valor e da quantidade de bolsas de pesquisas e extensão; entre outras bandeiras.

Dentre as reivindicações mencionadas, houve conquistas do movimento estudantil, como, por exemplo, sedes provisórias para as entidades, fim das taxas apresentadas acima, concursos e contratação de professores e funcionários, suprimindo parte da deficiência do quadro funcional. No entanto, muitas demandas do movimento estudantil não foram concretizadas, tanto pela ausência de sensibilidade para uma política estudantil, por parte da gestão da universidade, quanto por falta de recursos financeiros destinados à assistência aos estudantes, por parte do Estado.

Na busca para solucionar esses problemas acima citados, recentemente o movimento estudantil do campus de Marechal Cândido Rondon, através da organização do conselho de entidades, tem mobilizado os estudantes para discutir e reivindicar melhorias na educação e assistência estudantil - destacando-se a construção do Restaurante Universitário.

Diante do exposto, observa-se que as recentes ocupações de reitorias e manifestações dos estudantes em Universidades do Estado do Paraná e do país, resultam de uma demanda reprimida por assistência estudantil, bem como, melhorias na infraestrutura e também no ensino, pesquisa e extensão, gratuitos e de qualidade. Neste sentido, a organização dos estudantes tem buscado reverter a precarização e sucateamento da Universidade Pública.

Reforma universitária e o descaso com o Ensino superior no Brasil

Joselene Ieda de Carvalho⁵⁴

Paulo Roberto da Costa Sartori⁵⁵

Desde a década de 1970, há um sucessivo processo em curso de Reforma Universitária, atendendo as mudanças e novos interesses do capital. Numa primeira etapa, tornou-se *universidade funcional*; na segunda, *universidade de resultados*, e na terceira, *operacional*⁵⁶. As reformas são transmitidas a comunidade acadêmica, como “melhorias”, mas o que temos observado é que as universidades públicas, por exemplo, estão passando por nítido processo de sucateamento. Diante desse quadro o movimento estudantil se faz essencial nas discussões e lutas deste processo, para que a educação seja realmente de qualidade e um direito de todos.

A *universidade funcional* surge nos anos 70, idealizada para a classe média, a base de sustentação da Ditadura Militar, e tinha como objetivo a formação rápida de profissionais qualificados para o mercado de trabalho. A *universidade de resultados* surge nos anos 80, e é gestada como consequência da etapa anterior. Neste período, se introduz a parceria público-privado, onde a universidade pública se associa a interesses dos setores privados, além da constante avaliação dos resultados das instituições conforme a utilidade imediata de suas pesquisas e facilidade em produzir profissionais para o mercado. Já a *universidade operacional*, é delineada durante os anos 90 e tem como principal característica o fato de que sua estrutura de gestão esteja voltada para si mesma, regida por normas e padrões de eficiência, alheios ao conhecimento e à formação intelectual.

Todas as etapas das reformas citadas acima buscaram redefinir as responsabilidades do Estado para com o ensino superior. Transferindo essa responsabilidade a instituições privadas, sob o argumento de modernização do Estado, dizendo que o mesmo não teria condições de prestar tais serviços, por não ser eficiente na administração das instituições e por não haver recursos suficientes para atender toda a demanda do ensino superior. O ensino passa assim a obedecer às lógicas empresariais de gestão. O que temos percebido é que a educação superior de direito social passou a um mero serviço determinado pela lógica de mercado e do lucro.

⁵⁴ Acadêmica do 2º ano de História da UNIOESTE.

⁵⁵ Acadêmico do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁵⁶ Essa expressão é de Michel Freitag em *Le naufragel l'université*, Paris, Editions de La Découverte, 1996. Apud: CHAUÍ, M. S. Universidade em ruínas. In: TRINDADE, Hégio(org.). Universidade em Ruínas: na República dos professores. RJ: Vozes/RS: CIPEDS, 1999. P.218.

As atuais reformas nas instituições públicas visam à diminuição da autonomia universitária e o nítido sucateamento das mesmas em detrimento da esfera privada. Nos argumentos utilizados há afirmações no sentido de que a universidade atende somente poucas pessoas, ou seja, aqueles que conseguem receber bolsas remuneradas, mas que mesmo assim não é o suficiente, pois o valor não chega a um salário mínimo. Isso faz com que muitos universitários tenham que trabalhar se quiserem cursar uma universidade pública.

No ano de 2011, mesmo diante de uma ampla mobilização estudantil com grande pauta de reivindicação, a "grande" mídia pouco tem noticiado às manifestações. Quando o faz, muitas vezes criminaliza o movimento, que tem ido a luta devido alguns problemas que tem se tornado cada vez maiores, como cortes de bolsas de estudos, corte nos financiamentos para pesquisas, altos custos de moradia e alimentação, entre tantas outras coisas. A presença do movimento estudantil que vem sendo constante em todo o processo histórico permanece nos dias atuais.

As reformas se baseiam na dita eficiência do setor privado. Por meio de ações de diversificação das fontes de financiamento, promovendo a captação de recursos no mercado, seja através de parcerias público-privado, seja na prestação de serviços. Pois segundo a cartilha do Banco Mundial e a lógica desses setores, as instituições públicas têm de ser úteis ao setor “produtivo” e devem atender aos interesses empresariais. Portanto, o que percebemos é que importa mais a quantidade, do que a qualidade dessa produção e o que tem como consequência é um grande número de profissionais formados em menos tempo.

Diante de tudo isso, fica clara a intenção de desestruturação da Universidade pública em detrimento do setor privado e de interesses de políticos e magnatas ligados ao setor. Interesses esses que não beneficiam a grande maioria da população, pois não possuem um caráter de universalidade, onde as instituições públicas deixam de ser gratuitas. O que se necessita na verdade, é ampliar esse caráter de universalidade, aumentando o número de vagas nas instituições públicas. Também é preciso aprimorar qualidade do ensino, pesquisa e extensão e criar uma política de assistência estudantil, através da construção de casas do estudante, restaurantes universitários, aumento do valor e do número de bolsas de estudo, financiamentos para pesquisas, entre tantas outras coisas.

Causas essas, que devem ser capitaneadas pelo estudante, pelo movimento estudantil, pela sua máxima importância de defesa e luta por uma universidade pública, gratuita e de qualidade que é direito de todos nós. Pois é só através da luta que os objetivos serão alcançados, e as reivindicações representam o primeiro passo para as conquistas do movimento estudantil.

História e Movimento Estudantil

*Alex Sander Sanoto⁵⁷
Guilherme Dotti Grandó⁵⁸*

A construção de uma universidade pública, gratuita e de qualidade tem que ser pensada como um processo de luta, e o movimento estudantil, dentro desse processo, assume um papel protagonista nessa luta. Recentemente os estudantes de universidades como, por exemplo, a Universidade Estadual de Maringá (UEM), A Universidade Federal Fluminense (UFF) mostraram a força de tal protagonismo. Essas mobilizações pautavam reivindicações que não deixavam de lado a preocupação com um projeto de universidade pública, gratuita e de qualidade. Neste sentido, levantam-se questões sobre políticas de assistência estudantil, discussões acerca de investimentos, recursos, modelos e perspectivas para a universidade.

Trata-se de um momento de luta que não está distante de nós na UNIOESTE, seja enquanto acadêmicos ou então, como futuros acadêmicos. A universidade que queremos não é um presente, uma “dádiva” caída dos céus diretamente para o colo dos estudantes. Pelo contrário, a universidade que queremos é expressão de um processo de disputa. A universidade é um direito e não como um privilégio, não é construída alheia aos interesses dos estudantes e do movimento estudantil.

Esse papel assumido pelo movimento estudantil, de defesa de um projeto de universidade pública, gratuita e de qualidade, pode ser discutido historicamente. Portanto, podemos fazer aqui um rápido balanço da trajetória do movimento estudantil, bem como de suas formas de organização, visando com isso entender o próprio contexto do movimento estudantil hoje.

No Brasil o movimento estudantil começou de maneira instável e com pouca voz ativa, e veio a ganhar força apenas na década de 20, quando foi realizado o I Congresso Nacional dos Estudantes, dando existência a Casa do Estudante do Brasil. Durante a década de 1930, o movimento estudantil organiza a construção de entidades e associações de representação. Dentro desse contexto, colocam-se organizações que vão, por exemplo, desde a Federação Vermelha dos Estudantes até a Juventude Integralista. E é também dialogando com esse cenário que se organiza a União Nacional dos Estudantes (UNE).

Durante sua trajetória, o movimento estudantil se propôs a defender seus interesses, ligados a defesa de um determinado projeto político de universidade. Nessa experiência, construiu suas entidades de forma representativa na defesa da universidade pública, gratuita e

⁵⁷ Acadêmico do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁵⁸ Acadêmico do 3º ano de História da UNIOESTE.

de qualidade. A importância histórica que tais entidades possam assumir, ou não, tem de ser pensada também na medida em que as bandeiras levantadas por tais entidades expressam as demandas do movimento estudantil.

No caso da UNE, por exemplo, essa representatividade dos interesses do movimento estudantil pode ser encontrada em momentos históricos como a campanha “O Petróleo é nosso” e também em dimensões da luta contra a ditadura civil-militar no Brasil, entre outros. No entanto, já a partir de meados da década de 1990 e, principalmente, na primeira década do século XXI, a UNE se afastou dessa relação de defesa de um projeto de universidade pública, gratuita e de qualidade. Aspectos dessa mudança podem ser percebidos no atrelamento da entidade á propostas de precarização e intensificação do ensino público.

Ao procurarmos fazer essa retomada breve pontuando a relação entre o movimento estudantil, suas formas de representação e a universidade, a intenção de tal exercício é de pensar elementos que possam nos ajudar a entender e agir sobre os nossos próprios desafios. Os estudantes na Unioeste vivenciam um momento importante. Trata-se de lutas que abarcam questões relevantes na defesa de um projeto de universidade, mas também de um projeto de mundo. Neste sentido, pensar a relação entre o movimento estudantil e as formas como se articulam com suas entidades é parte relevante da própria defesa de um projeto de universidade e de mundo.

Este momento que é construído pelo movimento estudantil coloca a possibilidade de pensarmos formas e estratégias de enfrentamentos. E nesse processo que se apresenta a possibilidade da construção de projetos que dê conta das demandas dos estudantes. E a relação que as entidades estudantis assumem com o próprio movimento se delineiam exatamente no seu esforço em articular essas demandas com projetos coerentes com elas.

“Quem paga a banda, escolhe a música”.

Luana Milani Pradela⁵⁹
Vânia G. Inocêncio⁶⁰

A juventude cumpriu e vem cumprindo um papel muito importante nas lutas sociais e mesmo nas lutas históricas contra as formas hegemônicas da sociedade capitalista. Ao buscar a história, temos exemplos significativos da participação dos estudantes no Brasil, como o maio de 1968, a luta contra a repressão da ditadura militar (1964-1985), e no período Collor, a busca pelo Impeachment (ocorrido em setembro de 1992). Com base nesses exemplos, a atuação política do movimento estudantil foi muito importante na construção da história do Brasil.

Em todos os momentos citados acima o movimento estudantil contou com a participação de uma importante entidade estudantil que lhes representava: a União Nacional dos Estudantes (UNE), fundada em 1937, que nesses períodos esteve à frente dos interesses dos estudantes, na luta pela universidade pública gratuita, contra a ditadura na luta direta pela liberdade de expressão e contra as tentativas de privatização das Universidades.

Observamos que nos últimos anos houve um afastamento da UNE dos movimentos de base, por exemplo, nas ocupações organizadas com a maioria das entidades reconhecidas como entidades de base Centros Acadêmicos (CA's) e Diretórios Centrais de Estudantes (DCE's) independentes. Dentre os estudos que buscam entender o posicionamento da UNE na atualidade, bem como o afastamento da entidade de amplos segmentos dos estudantes, utilizaremos algumas análises feita pelo professor Dr. Álvaro Bianchi: O autor discute no livro *Transgressões*⁶¹ que existe um esgotamento nesses movimentos desde meados da década de 90, existindo nesse período apenas manifestações esporádicas e locais, no seu texto o autor relaciona a burocratização dos partidos políticos demonstrando a forma como essa burocratização influencia nas entidades representativas discutindo assim a "subordinação" relacionada às entidades representativas dos estudantes e também dos trabalhadores.

Nesse contexto, o que se percebe é que o movimento estudantil (ME) esteve paralisado durante algum tempo, principalmente durante o governo Lula - PT, desarticulando o interesse inicial dos estudantes com a entidade, partidarizando-a. Juntamente com o atrelamento da UNE ao Governo Lula, deu-se continuidade ao processo de privatização do

⁵⁹ Acadêmica do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁶⁰ Acadêmica do 3º ano de História da UNIOESTE.

⁶¹ BIANCHI, Alvaro. **Emergência e Contestações**. In: *Transgressões: As ocupações estudantis e a crise das universidades*. São Paulo: Editora José Luis e Rosa Sundermann, 2008.

ensino, com a implementação do PROUNI e do REUNI. É importante ressaltar que esse atrelamento não se dá apenas com o governo PT, que é o caso do Paraná, onde recentemente saiu no site do governo membros da União Paranaense dos Estudantes (UPE) que recentemente se aliou com o governador Beto Richa do PSDB, buscando o financiamento do Governo para a reforma do casarão sede da UPE localizada em Curitiba, nesse caso se "quem paga a banda escolhe a música" será que os estudantes farão parte da festa?

Observa-se a partir do fragmento de fala da ex-presidente da UNE, Lúcia Stumpf, que na contemporaneidade o papel da UNE, segundo a visão da depoente, se diluiu:

"A UNE parece perder visibilidade porque estamos em um regime democrático e dividimos a atenção e as lutas com outras entidades. Mas a UNE é uma sobrevivente. Enquanto nossos dirigentes eram assassinados, presos e exilados, outros movimentos eram perseguidos e acabavam desorganizados. Por termos resistido, somos tão importantes hoje como no passado"⁶².

Na perspectiva de Lúcia Stumpf a UNE tem importância pelo seu passado, porém, no contexto de "democracia em que vivemos" o papel da entidade fora ofuscado. No entanto, observa-se que as pautas de reivindicações estudantis na atualidade são enormes, e apontam para outra direção, de que a mobilização dos estudantes é necessária para assegurar ensino público com qualidade e acesso e permanência dos estudantes no ensino superior. Cabe aqui nos questionarmos: Será mesmo que a história é feita apenas de seu passado?

A conjuntura que vivemos é de luta. Várias universidades públicas estão com suas reitorias ocupadas pressionando o Governo Federal e Estadual pela melhoria da educação e contra o sucateamento das mesmas. O que se observa nas falas dos estudantes é que esses movimentos não contam com a participação e com o apoio da entidade que historicamente foi construída para representar os estudantes – a UNE – e desta forma estão se articulando de maneira independente, buscando novas formas de organização para um movimento próprio e autônomo.

Desde 2007, com a ocupação das principais reitorias - como USP, UNB, UFMG - o movimento independente busca formas de se organizar sem contar com a UNE, formando a Frente de Lutas Contra a Reforma Universitária. Esse movimento necessitou de uma entidade representativa, impulsionando o Congresso Nacional de Estudantes (CNE) em 2008, que apontava a proposta da criação de uma nova entidade estudantil e que se consolidou em 2009

⁶² <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u383070.shtml>. Acessado em 13/10/11.

com a construção da Assembleia Nacional de Estudantes Livres (ANEL), opondo-se as ideias da UNE e reforçando a importância de um movimento organizado heterogêneo e político, agregando parte desse movimento que surgiu autônomo e independente, e que busca na sua organização assembleias nacionais e estaduais nas quais podem fazer parte de sua direção membros de DCE e CAs, desde que mantenham independência e autonomia política.

Portanto, a conjuntura que vivemos é de anúncios de corte de verbas, ampliação das universidades sem qualidade e falta de assistência estudantil. Será que para os estudantes é mais importante milhões do Governo para a reforma de sedes da UNE E UPE, mesmo que isso implique em perda da autonomia financeira dessas entidades? Parece que para alguns segmentos do Movimento Estudantil sim, pois mais uma vez tendem a se curvar para o Governo abandonando as pautas de reivindicações estudantis. Como o título do artigo demonstra: "quem paga a banda escolhe a música"!

O espetáculo das ocupações: Estudantes ou Vilões?

*Elionay R. Marques⁶³
Lucas B. Fano⁶⁴*

Como sabemos, a comunicação não transmite apenas informações, ela tem o poder de construir ou manter opiniões que podem ou não se reverter em ações. Nesse sentido, pretendemos analisar aqui como a mídia se porta frente a uma questão polêmica na atualidade: as ocupações de reitoria pelos estudantes de universidades públicas no Brasil. Retratadas muitas vezes como atos de vandalismo, as ocupações são uma resposta contrária às constantes tentativas de diminuição do espaço público e da autonomia universitária, um ato estratégico na luta pela defesa da universidade pública e, num sentido maior, pela defesa da educação para todos, como veremos na sequência. A mídia, por sua vez, utiliza essas ocupações e manifestações como uma ótima oportunidade de espetacularizar o assunto, não problematizando o real motivo que os levou a tal decisão.

Historicamente a universidade é inseparável das ideias de formação, reflexão, criação e crítica, princípios fundamentais para uma educação de qualidade. Essa educação é um direito conquistado através das lutas sociais nos últimos séculos, e é o mínimo que o Estado deve garantir aos cidadãos. A universidade pública ainda é um dos poucos espaços onde o saber pode ser construído pelos sujeitos, e não apenas transmitido mecanicamente. No entanto, cada vez menos pessoas tem acesso a esse saber, que propõem uma reflexão crítica do real e pode levar à mudanças, ao contrário do saber transmitido que, como a própria palavra informa, impõe um conhecimento_(visão de mundo imposta para todos, sem levar em conta outras visões de mundo) sobre outro. Para que a construção do conhecimento seja possível, o espaço da universidade não pode ser utilizado apenas para transmitir o saber especializado.

O Brasil, situado dentro da lógica do capital, vem sofrendo reformas neoliberais desde a década de 1990, pautadas no discurso elitista do “progresso” econômico. No entanto, direitos garantidos democraticamente como a educação também estão inseridas nessas reformas, perdendo o seu significado social: é a venda do saber. Como resposta a essa questão, nesse ano de 2011, ocorreram algumas ocupações de reitorias de universidades públicas no país. Segundo Alvaro Bianchi, as ocupações representam um ato simbólico de reapropriação pelos sujeitos sociais de um espaço que deveria ser público, com os estudantes

⁶³ Acadêmica do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁶⁴ Acadêmico do 2º ano de História da UNIOESTE.

exercendo seus direitos, redefinindo os termos da discussão “... e argumentando, com seus atos, em favor da autonomia universitária e da defesa de uma universidade pública” ⁶⁵. O movimento estudantil exige condições mínimas para que todos tenham acesso à educação e consigam se manter na universidade, como: restaurante universitário, casa do estudante e maiores valores das bolsas de auxílio para pesquisa.

Vejamos um caso específico. No dia 25 de agosto deste ano, cerca de 500 estudantes da Universidade Estadual de Maringá (UEM) ocuparam a reitoria, situada em um prédio da instituição. Em um chamado publicado no blog “Movimente-se UEM”, o Diretório Central dos Estudantes manifestou as razões pelas quais vieram a tomar essa decisão: “Protestamos contra o corte de verbas do Governo Estadual e Federal. 38% de cortes em nossas Universidades Estaduais causam um déficit cada vez maior em uma educação que já é precária. Buscamos um canal de ligação direta com o Governo do Estado para acatar as nossas reivindicações” ⁶⁶. Além do óbvio desfalque de verbas para a assistência estudantil, entendemos também que esse corte diminui a autonomia universitária, uma vez que a universidade precisa de recursos financeiros para exercer essa autonomia. Por isso, é um bom exemplo da diminuição cada vez maior do espaço público, tendo como pano de fundo as políticas neoliberais, forçando as universidades a buscarem parcerias com empresas privadas para se manter, o que dissocia o significado social de universidade pública.

No sítio eletrônico do jornal “O Diário”, de Maringá, percebemos as tentativas de criminalização do fato, quando são enfatizadas algumas questões e outras são “esquecidas”: “Uma porta do prédio da reitoria foi quebrada durante a ocupação – lideranças do DCE afirmam que providenciarão o conserto. Depois da **invasão**, os funcionários da UEM que deixavam o prédio eram impedidos de voltar” ⁶⁷ (grifo nosso). Podemos perceber como a mídia trata esse tipo de manifestação, chamando-a de **invasão** sem problematizá-la, o qual invasão remete a um ato ilegal enquanto ocupação, termo corretamente usado, caracteriza protesto, ato de reivindicar. Assim, para o jornal, os estudantes estão atrapalhando o funcionamento da universidade, como nos informa uma matéria publicada no sítio de notícias da Rede Globo, o “G1”, no mês de agosto: “Com a ocupação, a universidade não soube responder como o expediente deve funcionar nesta sexta-feira (26). É possível que alguns

⁶⁵ BIANCHI, Alvaro, org. **O movimento estudantil e as ocupações**. In: Transgressões: as ocupações estudantis e a crise das universidades. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008 (p. 23-24).

⁶⁶ http://movimenteseuem.blogspot.com/2011/08/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x_26.html. Acessado em 12/10/2011.

⁶⁷ <http://m.odiario.com/maringa/noticia/476915/reitoria-da-uem-e-ocupada-por-estudantes.html>. Acessado em 12/10/2011.

setores parem, com exceção da procuradoria jurídica”⁶⁸. Dessa forma, a mídia “esquece” de situar a ocupação em um processo histórico mais amplo, e os estudantes aparecem como vilões na história, atrapalhando o funcionamento de uma instituição pública.

Portanto, resta-nos perguntar, a universidade continuará pública até quando? A ausência de informações importantes, algumas delas explicitadas nesse texto, acentua a posição política tomada pelos principais meios de comunicação frente à questão das ocupações de reitoria pelo movimento estudantil, o que demonstra que o caminho para que todos tenham mesmo acesso à educação é longo e, também, que a luta de classes continua.

⁶⁸<http://g1.globo.com/parana/noticia/2011/08/alunos-protestam-contr-estrutura-do-ru-na-universidade-de-maringa.html>. Acessado em 12/10/2011.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

BRAGA, Ruy; Bianchi, Alvaro; Carneiro, Henrique. O movimento estudantil e as ocupações. Bianchi, Alvaro (org). In: **Transgressões: as ocupações estudantis e a crise das universidades**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

BIANCHI, Alvaro, (org). Emergência e Contestação. In: **Transgressões: as ocupações estudantis e a crise das universidades**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

CHAUÍ, Marilena S. Universidade em ruínas. In: TRINDADE, Hégio(org.). **Universidade em Ruínas: na República dos professores**. RJ: Vozes/RS: CIPEDES, 1999. P.218.

FILHO, João Roberto Martins (org). Os estudantes nas ruas, de Goulart a Collor. In: **1968 faz 30 anos**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp; São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Carlos, 1998.

FORACCHI, Marialice Mencarini. O movimento estudantil. In: **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo, Pioneira [Ed. Universidade de São Paulo], 1972.

LEHER, Roberto. Contrarreforma universitária do governo Lula: Protagonismo do Banco Mundial e das lutas antineoliberais. In: **Margem Esquerda**, número 3: Abril de 2004.

Sítios Consultados:

<http://www.dialogosuniversitarios.com.br/pagina.php?id=446>, acessado em Setembro de 2011.

PRIMAVERA SEM FLORES⁶⁹

A Revolução na Líbia e o Discurso Capitalista

Luana Milani Pradela⁷⁰

Lucas Blank Fano⁷¹

O processo histórico pelo qual estão passando alguns países Árabes - enfatizaremos aqui a Líbia especificamente - foi tratado algumas vezes pelos meios de comunicação como uma “Guerra Civil”. Dessa forma, é atribuído ao processo um sentido confuso, como se os manifestantes não tivessem uma estratégia, um objetivo. Diferentemente disso, compreendemos o processo como uma manifestação da insatisfação popular por conta do estado de pobreza que se encontrava a maior parte da população desse país, enquanto seu ditador, Muammar Abu Minyar al-Kaddafi, investia em negócios no exterior e concentrava a riqueza do país nas mãos de uma minoria, seus aliados, beneficiados pelo capital.

Alguns países árabes, entre eles a Líbia, foram vítimas de uma colonização europeia que foi se extinguindo após a Segunda Guerra Mundial. A Líbia tornou-se independente em 1951. Antes de Kaddafi tomar o poder, o país era governado pelo rei Idris e seu clã Senusi. Durante esse governo, houve a importante descoberta de petróleo na região, um recurso explorado por poucas pessoas, formando já nessa época uma pequena elite comercial.

O golpe militar que possibilitou Kaddafi chegar ao poder foi executado em 1969. No princípio, o ditador promoveu algumas mudanças no país, como a nacionalização do petróleo e a criação de escolas, etc. No entanto, a “revolução” promovida por ele remeteu à relações capitalistas, que nunca foram nem poderão ser igualitárias.

Os protestos na Líbia iniciaram-se em fevereiro deste ano de 2011. Desde o começo, os protestos foram reprimidos de forma violenta por Kaddafi, que utilizava a força do exército nacional contra a própria população, que obviamente não possuía tanto poderio bélico, mas obteve ajuda de países poderosos, recebendo armas dos EUA e também da França. Após alguns meses de combate, parte do exército aliou-se aos manifestantes, derrubando Kaddafi do poder. Em outubro o ditador foi encontrado morto.

O conflito que começou em fevereiro e se seguiu por longos meses, teve como consequência a perda de aproximadamente 20 mil vidas humanas, em nome de uma maior

⁶⁹ Mural produzido em Novembro/Dezembro de 2011. Coordenação: Luis Fernando Guimarães Zen. Estagiários: Alex Sander Sanoto, Elionay Rodrigues Marques, Guilherme Dotti Grando, Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho, Luana Milani Pradela, Lucas Blank Fano, Paulo Roberto da Costa Sartori e Vânia Graziele Inocêncio.

⁷⁰ Acadêmica do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁷¹ Acadêmico do 2º ano de História da UNIOESTE.

liberdade democrática e maior qualidade de vida, pois “a sociedade líbia já não possuía as instituições políticas, econômicas e sociais básicas de um Estado, ficando à mercê de um governo completamente ineficiente em prover as necessidades mais basilares de sua nação” ⁷².

Percebemos a partir da insatisfação popular e do estado de miséria de uma grande parte da população, como os números capitalistas de análise da condição social e desenvolvimento econômico de países como a Líbia nos enganam. Por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) líbio é, atualmente, maior do que o do Brasil. Não que aqui as coisas estejam bem, já que faltam recursos básicos de vida para a maioria da população. Queremos destacar apenas que os números não condizem com a realidade social. A população líbia busca melhores condições de vida, relações sociais mais justas, liberdade democrática. No entanto, é sabido que a ordem capitalista não permite igualdade, pois é fundamentada na dominação de classes, na exploração da mão-de-obra e na acumulação de capital.

Nesse contexto, entendemos porquê a “comunidade internacional” não se manifestou contra os revoltosos, já que o ditador Kaddafi era velho conhecido de países como os EUA ⁷³, por exemplo, por causa da grande quantidade de petróleo concentrada na região da Líbia que era “distribuída” entre os interessados em comprar. O que muda a partir de agora?

Uma das maiores preocupações (ou a maior) da classe hegemônica mundial é claramente o destino desse petróleo, como podemos ver a partir do que é enfatizado pelos meios de comunicação, como no sítio eletrônico da Globo, “G1”: “Antes de conflitos, país era 3º maior produtor da África e 17º do mundo. Paralisada, a produção petrolífera está sendo retomada aos poucos” ⁷⁴. Como podemos ver, é ressaltado que a produção petrolífera da Líbia era a terceira maior da África antes dos conflitos. Por que, então, a população se encontrava na miséria? O canal de notícias destaca também que a produção está paralisada e voltará aos poucos, mostrando preocupação com essa questão. No entanto, para onde irá o dinheiro? Essa preocupação não está presente na reportagem. Como escrito acima, a distribuição igualitária de renda no capitalismo não existe, pois não é possível existir. Melhores condições de vida, distribuição igualitária dos recursos, liberdade democrática, não são possíveis dentro das relações capitalistas de produção.

⁷² MÁXIMO, Jéssica. **Entendendo as revoluções árabes: uma breve análise das crises do Norte da África e do Oriente Médio**. Acessado em dezembro de 2011, em:

http://educaleaks.dominiotemporario.com/doc/Analise_da_Primavera_Arabe_2011.pdf

⁷³ Ver Imagens de Kaddfi com os atuais presidentes dos EUA e da França em: http://2.bp.blogspot.com/-14vKuIG_ahU/TWQSydqakMI/AAAAAAAAAJD0/hZNiKTpbgCY/s1600/Obama.jpg e também http://ibgf.org.br/img/foto_3342.jpg. Acessado em Dezembro de 2011.

⁷⁴ <http://noticias.terra.com.br/mundo/afrika/intervencaoalibia/noticias/0,,OI5425296-EI17839,00-O+povo+libio+venceu+sua+revolucao+diz+Obama+apos+morte+de+Kadafi.html>-. Acessado em 04/12/11.

Mídia e interesses imperialistas nos Países Árabes

*Guilherme Dotti Grandó*⁷⁵

*Paulo Roberto da Costa Sartori*⁷⁶

A denominada Primavera Árabe, que se inicia na Tunísia no final de 2010, e posteriormente se espalha para os países vizinhos, e assim sucessivamente, até praticamente todo o mundo árabe entrar em revolta, tem sua relevância marcada durante todo o ano, e sua importância se dá pelo fato de determinar a dinâmica de todo um sistema nos próximos anos. Porém, é importante diante tudo que foi dito nesse ano, fazer um balanço da forma como a mídia se posicionou e nos passou os acontecimentos no Mundo Árabe.

A mídia em geral, se dividiu em duas linhas de frente, a primeira que acusa o Ocidente de durante todos esses anos terem apoiado as ditaduras árabes e que agora o povo árabe havia se revoltado contra as mazelas dessas ditaduras. O que se demonstra através do silêncio e inclusive da constante colaboração que sempre tiveram diante dessas ditaduras. Onde por exemplo, os EUA mantiveram colaboração com Kaddafi para perseguir os fundamentalistas islâmicos, com o fornecimento de armamento⁷⁷. Na ajuda para reeleger Bush ou no patrocínio da campanha de Sarkozy, na França⁷⁸. Esse relacionamento de mão-dupla demonstra o total apoio que essas potências depositavam nessas ditaduras. Como será que esses meios de comunicação e essas potências mudaram de opinião tão rápido, depois de todo esse tempo?⁷⁹

A segunda linha de frente, se posicionou em concordância com as revoluções democráticas, mas acusa que na verdade o que há por trás dessas revoluções e o que vai acabar triunfando é o terrorismo islâmico. Porém, esse medo não se justifica, pois é uma revolução árabe, não religiosa, e muito menos islâmica, pois nem todos os países árabes são islâmicos e nem todos os islâmicos são árabes. São coisas totalmente distintas. O que aconteceu foi uma revolução feita pelo povo que lutou por questões básicas para a sobrevivência, como empregos, salários mais justos, educação, saúde; etc. Enfrentou a política desses governos de entregar as riquezas desses países para as potências ocidentais, lutando contra as arbitrariedades de todo um regime que enriqueceria tão somente aos ditadores e aqueles no poder em detrimento do povo.

⁷⁵ Acadêmico do 3º ano de História da UNIOESTE.

⁷⁶ Acadêmico do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁷⁷ <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5338977-EI6580,00.html>. Acessado em Dezembro de 2011.

⁷⁸ <http://exame.abril.com.br/economia/mundo/noticias/filho-de-kadafi-diz-que-ditador-financiou-campanha-de-sarkozy>. Acessado em Dezembro de 2011.

⁷⁹ <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,onu-autoriza-intervencao-na-libia,693415,0.htm>. Acessado em Dezembro de 2011.

Intervenções como no caso específico da Líbia, não tiveram como missão a garantia da paz ou impediram o massacre de civis. Tiveram como meta única e exclusivamente a garantia da estabilidade dos negócios, e de um governo que garanta os investimentos ocidentais. Pois as potências ocidentais só estavam do lado de Kaddafi enquanto ele ainda atendia aos seus interesses. Com a Revolução Popular na Líbia, ele já não atendia mais esses interesses, portanto essa intervenção militar tinha objetivo de controlar esse processo revolucionário e garantir que as potências continuem a enriquecer com a exploração do petróleo e do povo. Missão que os países imperialistas obtiveram sucesso, isso se demonstra através da composição do Conselho Nacional Transitório, que é liderado pelo ex-ministro da Justiça do governo Kaddafi.

Portanto, é necessário questionar quais são as reais intenções desses meios de comunicação, ao deslegitimar as revoluções no mundo árabe. Não será porque eles são instrumentos dessas potências e têm objetivos diferentes do povo árabe?

“O poderoso chefão”

Alex Sander Sanoto⁸⁰

Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho⁸¹

Muammar Kaddafi, filho de beduínos nômades, foi tenente do exército e estudava técnicas militares em Londres, quando inspirado pela revolução nasserista, fundou em 1966 a União dos Oficiais Livres. Ao voltar para a Líbia, conspirou contra o rei Idris, aliou-se com os países anglo-americanos e seus interesses petrolíferos, e deflagrou a insurreição que derrubou a monarquia em setembro de 1969. Nos últimos meses, Kaddafi tem sido um dos nomes mais falados na mídia mundial, pois, havia centralizado uma das maiores fontes de dinheiro e poder na Líbia, o petróleo.

Se formos capazes de imaginar a quantidade de dinheiro que envolvia e o que isso significava, podemos entender o devasto poder que possuía Kaddafi. No dia 20 de Outubro, o espanto foi geral. Apareciam as notícias com imagens, reportagens, palpites e discussões, afinal o grande “ditador” da Líbia, havia sido capturado e morto. Em uma reportagem, no dia 24 de outubro, no Jornal “O Comércio” Mustafa Abdul-Jalil, o líder interino da Líbia declarou: *“ Os líderes líbios queriam manter Kaddafi na prisão e humilhá-lo pelo maior tempo possível. Aqueles que queriam matá-lo eram os que eram leais a ele ou trabalharam com ele. Sua morte foi um benefício para essas pessoas. ”*. E alegou que irão investigar, para descobrir os protagonistas da morte de Kaddafi, pois, segundo Mustafa Abdul-Jalil, o motivo da morte do ex-presidente da Líbia, foi “queima de arquivo”.

Na revista Veja, editada em 12 de Janeiro de 1972, já haviam comentários e reportagens sobre a imprevisível atuação de Kaddafi. Na reportagem, há uma afirmação de que Kaddafi inspira seus atos no livro muçulmano o Alcorão. “Se não fosse trágico, poderíamos considerar cômico”, pois, nesta mesma reportagem Kaddafi, afirma que gostaria que todos de seu país desprezassem a luxúria e as riquezas. Porém é perceptível que sua teoria estava totalmente em desacordo com sua prática. Notável contradição, 79% da população da Líbia vivia em crise, obrigando importar a maioria dos alimentos que necessitavam de outros países. Segundo os moradores da Líbia, não adianta ter tanto petróleo se para a maioria da população faltam fatores fundamentais, como a água.

Em especial neste ano, acompanhamos na mídia, as “revoluções” no Oriente Médio, que ficaram conhecidas como a “Primavera Árabe”. E começaram a serem revelados alguns dos crimes cometidos por Kaddafi, entre eles diversas denúncias de torturas e assassinatos.

⁸⁰ Acadêmico do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁸¹ Acadêmica do 2º ano de História da UNIOESTE.

Então, toda a sua superioridade, motivo de ambição de muitos, se tornou para a população da Líbia, motivos para reivindicações e desprezo.

Essas são algumas das consequências causadas pelo desenvolvimento capitalista no século XXI. Porém, a morte de Muammar Kaddafi, pode não significar o fim dos conflitos no Oriente Médio, e talvez, o início de muitos outros.

Entre os dentes segura a Primavera

*Elionay Rodrigues Marques⁸²
Vânia G. Inocêncio⁸³*

A Primavera nos remete a lembrar da estação do ano, cheia de flores e beleza, porém Primavera Árabe não traz essa conotação, trata-se de designar primavera como algo novo, assim como na Revolução Francesa, a qual o povo foi às ruas em busca de transformações sociais e econômicas. Remete-se a novos ares com inúmeros protestos que vem acontecendo há mais de um ano.

Os protestos que se iniciaram na Tunísia em 18 de dezembro de 2010 espalharam-se pelo norte da África e também pelo Oriente Médio, repercutindo densamente, nos países Árabes, como a Tunísia, no Egito e Líbia. A primavera aqui exposta determina a juventude presente nos protestos, como um dos fatores característicos. Em todos esses casos o que percebemos é a participação da classe trabalhadora e da juventude que decidiram não mais aceitar ou submeter-se a ditadura e a situação precária nos países nos quais eclodiram os movimentos.

Os movimentos ocorridos na Primavera Árabe são elaborados por jovens em sua maioria graduados, que tem conhecimento da causa pelas quais estão lutando e vemos que não são lutas em vão, já que a derrubada de vários ditadores foi efetuada devido a grande organização dos protestos.

O que acontece de novo nesses protestos é a sua forma de organização, iniciada em redes sociais como Twitter, Facebook, Youtube, entre outros, com acesso de todos, divulgada amplamente para que toda a população fosse convocada para greves, manifestações, passeatas, resistência civil em campanhas reivindicatórias e comícios, fazendo com que os protestos alcancem seus objetivos, e mantem-se o caráter de manifestação popular.

Esses protestos organizados cuidadosamente fizeram grandes chefes de estado, com anos e anos no poder, caírem por terra. Kaddafi, líder e ditador na Líbia, foi capturado por rebeldes, sendo torturado em público e morto com um tiro na cabeça.

A Primavera Árabe mostra a revolta da sua população diante de condições de vida que não satisfazem suas necessidades, desemprego, dependência externa, pobreza, manipulação pelo governo e total falta de liberdade.

⁸² Acadêmica do 1º ano de História da UNIOESTE.

⁸³ Acadêmica do 3º ano de História da UNIOESTE.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

MÁXIMO, Jéssica. **Entendendo as revoluções árabes: uma breve análise das crises do Norte da África e do Oriente Médio**. Acessado em dezembro de 2011, em: http://educaleaks.dominiotemporario.com/doc/Analise_da_Primavera_Arabe_2011.pdf.

Sítios Consultados:

Revista Veja, 12 de Janeiro de 1972, Disponível no site:
<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>. Acessado no dia 05/12/2011.

Jornal “O Estadão”, 28 de Junho de 2011, Disponível no site:
<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,tribunal-internacional-pede-prisao-de-kadafi-por-crimes-contr-a-humanidade,737730,0.htm>. Acessado no dia 05/12/2011.

Jornal “O Comércio”, 15 de Dezembro de 2011, disponível no site:
<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=76721> – acessado em dezembro de 2011

http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe. Acessado em Novembro de 2011.

<http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2011/11/30/primavera-arabe-e-advento/>.
Acessado em Dezembro de 2011.

<http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2011/10/retomar-producao-de-petroleo-apos-era-kadhafi-e-desafio-para-nova-libia.html>. Dezembro de 2011.

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/11/depositos-de-armas-estao-sem-protecao-no-leste-da-libia.html>. Acessado em Dezembro de 2011.

<http://noticias.terra.com.br/mundo/africa/intervencaoalibia/noticias/0,,OI5425296-EI17839,00O+povo+libio+venceu+sua+revolucao+diz+Obama+apos+morte+de+Kadafi.html>.
Acessado em 04/12/11.

<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5338977-EI6580,00.html>. Acessado em
Dezembro de 2011.

<http://exame.abril.com.br/economia/mundo/noticias/filho-de-kadafi-diz-que-ditador-financiou-campanha-de-sarkozy>. Acessado em Dezembro de 2011.